

DANIELA COMASSETTO FELIX

**O BOM PROFESSOR NA CONCEPÇÃO DO ALUNO: ADOLESCENTES EM BUSCA
DE UM REFERENCIAL ADULTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

PORTO ALEGRE
2009

DANIELA COMASSETTO FELIX

**O BOM PROFESSOR NA CONCEPÇÃO DO ALUNO: ADOLESCENTES EM BUSCA
DE UM REFERENCIAL ADULTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Porto Alegre, de de 2009.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

Prof. Dr. Maria Waleska Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

F316b Felix, Daniela Comassetto.
O bom professor na concepção do aluno: adolescentes em busca de um referencial adulto. [manuscrito] / Daniela Comassetto Felix. – 2009.
95 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2009.

Orientação: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera.

1. Bom professor. 2. Adolescência. 3. Vida adulta. I. Mosquera, Juan José Mouriño. II. Título.

CDU 37

Bibliotecária responsável: Úrsula Flores de Menezes, CRB 10/1902.

*Ao Daniel pelo carinho,
companheirismo e pelos muitos
momentos de socialização de
saberes que juntos
compartilhamos.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos principais narradores de minha história, meus pais (Abel e Sônia). Narradores e bons professores dedicados que com muito amor vêm desempenhando seus papéis e que despertaram em mim o desejo de aprender e, por de forma tão especial me conduzir durante a fase escolar (e ainda hoje) com preocupação, zelo, interesse e credibilidade. Obrigada **pai**, por manter sempre a curiosidade através de respostas que remetem a novas perguntas, o prazer por novas aprendizagens e a apreciação das coisas que nos rodeiam. **Mãe**, Obrigada também pela atenta e cuidadosa revisão de meu *abstract*. Ambos, portanto, contribuem ao longo de todo meu processo das mais diversas formas, sempre com uma palavra de apoio e compreensão pelas ausências.

À minha irmã Thaís com a qual momentos muito ricos de discussão acontecem, nos quais sua luta pela justiça para com o ser humano desestabiliza em alguns momentos, mas é, com certeza, motivo pelo qual muito me orgulho. Obrigada pela amizade e por tudo que nos envolve.

À minha avó Véra, minha contadora de histórias que com sua expressiva interpretação tornava mais real e prazerosa a história, motivando precocemente a leitura e a escrita. Obrigada também pelos momentos nos quais ainda me conta histórias, sendo estas agora histórias de uma sempre professora dedicada e carinhosa.

Ao Daniel mais um agradecimento por todo amor e apoio, acompanhando-me neste processo de constantes aprendizagens (este trabalho também é teu); processo no qual passará a fazer parte e que poderá contar com meu auxílio no que considerar necessário.

Ao professor, mestre e orientador Dr. Juan José Mouriño Mosquera pelos momentos de aprendizagem e pela credibilidade depositada em meu estudo. Ao professor Dr. Claus Dieter Stobäus agradeço também por todo carinho com o qual muito me auxiliou ao longo deste processo. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS que também fizeram parte desta história.

À professora Dr. Maria Waleska Cruz, que possui um significado especial em minha caminhada acadêmica, a qual é uma referência também de um “bom professor” que inspira.

Aos meus “bons professores” de minha vida escolar que muito me marcaram e que influenciaram para que este estudo fosse possível.

RESUMO

A profissão docente vem sofrendo crises que vão desde a crise de identidade do professor até o desprestígio dedicado a esta classe por parte da sociedade em geral. Muitos são os motivos para que venham a manifestar sintomas relacionados ao mal-estar docente e até a ter que se afastar da profissão. Apesar disso e indo na direção contrária, existem professores que não se deixam abater e influenciar por tais crises e vêm desempenhando práticas bem sucedidas sendo reconhecidos pela instituição na qual trabalham e, principalmente, por seus alunos. Devido a essa concepção, o presente estudo foi pensado para que se possa analisar o que diferencia alguns professores que encaram a docência de forma positiva e com grande satisfação. Sua forma de encarar tudo o que envolve a docência faz com que se diferenciem dos demais, refletindo em suas salas de aula e qualificando sua relação com os alunos. Para tal, é necessário que a instituição escola tenha como proposta e visão de homem, aspectos que vão ao encontro dos valores dos professores. E, pensando nisto, a escola do estudo foi escolhida pelo fato de preocupar-se com assuntos referentes a afetividade e ao vínculo, assim podendo valorizar os professores que têm sua prática impregnada de emoções, sentimentos e bem-estar, e que acreditam que para que a construção do conhecimento ocorra de forma significativa todos estes elementos são necessários ao processo. Constitui-se em um trabalho cujo paradigma é qualitativo e a abordagem utilizada para coleta dos dados é o Estudo de Caso. Para análise destes dados utilizou-se a Análise de Conteúdo. A relevância do estudo, portanto, é justificada a partir dos dados que emergiram ao longo da pesquisa, demonstrando aproximações nas falas dos professores participantes que, mesmo sendo de áreas diferentes, possuem características e formas de atuar em comum. A forma de se relacionar de um ser que tenha em sua constituição aspectos afetivos desenvolvidos de forma positiva, bem como sua atuação (sendo esta reflexo de sua constituição) diferenciam-se e possuem reflexos nos ambientes nos quais transitam. Participaram da pesquisa, primeiramente, 35 alunos de uma turma de 1º ano do Ensino Médio que, através de um questionário, indicaram “bons professores” a partir de características por eles mencionadas. Cinco foram os professores que receberam maior número de indicações e os que

responderam à entrevista semi-estruturada, incluindo a entrevista com a coordenadora pedagógica. O critério de escolha dos professores foi pensado devido ao fato de se considerar o aluno, no caso o adolescente, como sendo os sujeitos mais indicados para identificar aqueles seus professores que são por eles considerados bons professores. A escuta realizada das falas dos professores, evidenciou a importância de um profissional que possa estar disponível aos que atuam em educação para, através desta escuta que é diferenciada, dar condições de um repensar de concepções e práticas que vem sendo realizadas. Além disso o olhar do educador e do psicopedagogo contribuem com este processo, uma vez que possuem competências e saberes que lhes conferem condições de intervir e identificar não só onde estão sendo identificados problemas de aprendizagem, mas também situações nas quais se pode prevenir estes problemas através da qualificação e reconhecimento de práticas docentes bem-sucedidas. Apesar das adversidades enfrentadas na profissão docente, este estudo encontrou professores que são disponíveis ao grupo de alunos e que, a partir desta vinculação, colocam-se como referenciais adultos em potencial para adolescentes que ensaiam a entrada na vida adulta. Além desses aspectos, emergiram três categorias as quais se referem às dimensões e expressões de cuidado e afetividade, à constituição do ser professor e ao adolescente em busca de um referencial adulto. O estudo ressalta que existem características que são percebidas pelos alunos na atuação de seus professores e que estas resultam em uma prática docente que distingue um bom professor.

Palavras-chave: Bom professor. Adolescência. Vida Adulta.

ABSTRACT

The teaching profession is suffering crises ranging from the crisis of identity of the teacher until the disrepute dedicated to this class by society in general. There are many reasons to come to show symptoms related to poor welfare and even the teacher having to depart the profession. Despite this and going in the contrary direction, there are teachers who do not leave shoot and influencing by such crises and they are performing best practices and being recognized by the institution in which they work and, especially, for their students. Due to this design, this study was designed to make it possible to analyze what differentiates some teachers who see the teaching in a positive way and with great satisfaction. Their observation of everything that involves teaching means that are distinct from the others, reflecting in their classroom qualifying their relationship with students. For that, it is necessary that the institution has the school proposal and vision of man, points that go through the values of teachers. And, thinking about this, the school's study was chosen because of concern itself with matters relating to affection and a link, so that teachers can enhance their practice are impregnated with emotions and well-being, and who believe that for the construction of knowledge occurs in a significant way all these elements are necessary to the process. It is a paradigm whose work is qualitative and the approach used for data collection is the Case Study. To analyze these data using the Content Analysis. The relevance of the study, therefore, is justified from the data that emerged during the search, showing approximations of the teachers participating's talk that despite being from different areas, they have characteristics and ways of acting in common. The way to relate to a being that has in its constitution affective aspects developed in a positive way, and their actions (being this reflex of its constitution) differs and there are reflexes in environments in which transit. The criterion for selecting the teachers thought it was due to the fact of considering the student, if the adolescent, as the subjects most suitable to identify those teachers who are deemed by them good teachers. Thirty-five of the third level of the High School participated in this research first and, through a questioner, indicated "good teachers" from characteristics they mentioned themselves. Five teachers received the most number of nominated and which answered the interview semi-structured. Including an

interview with the pedagogic coordinator. The criterion for selection of teachers was thought due to the fact of considering the student, if the adolescent, as the subjects most appropriate to identify those who are their teachers they considered good teachers. The listener held the talk of teachers highlighted the importance of a professional who can be available to those who work in educating people, through listening to this, through a differentiated listening, give conditions for a rethinking of conceptions and practices that are being carried out. The look and listen to educator and psychopedagogists contributed to this process, since it has expertise and knowledge that give it a position to intervene and identify not only where they are being identified problems in learning, but also situations in which you can prevent these problems by qualifying recognition of teaching practices and successful. Despite the adversity facing the teaching profession, this study found teachers that are available to the group of students and that from this linkage, posing themselves as adults at referential potential for adolescents who practices the entry into adult life. Beside of these aspects emerged three categories which refer to the care and affectivity's expressions; to the contribution of to be a teacher and to the adolescent searching an adult referential. The study emphasizes that there are characteristics that are perceived by students in the performance of their teachers and that they result in a teaching practice that distinguishes a good teacher.

Key words: Good teacher. Adolescent. Adult Life

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – I Primi Passi de Vincent Van Gogh	27
Figura 2 – Nascimento de Narciso de Salvador Dali	44
Figura 3 – Quatro pilares de Jacques Delors	49
Figura 4 – João e o pé-de-feijão	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de alunos por gênero	22
Gráfico 2 – Número de alunos por idade	23

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Professores selecionados através do questionário22

Quadro 2 – Características de bons professores atribuídas pelos alunos24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
2 A INVESTIGAÇÃO	19
2.1 Paradigma e Abordagem de Pesquisa	19
2.2 Análise dos Dados	19
2.3 Ambiente da pesquisa	20
2.4 Participantes	21
2.5 Instrumentos	23
3 ANÁLISE DOS DADOS	25
3.1 Em busca de um olhar – as dimensões e expressões de cuidado e afetividade	28
3.1.1 Professores especiais	28
3.1.2 Cuidado e afetividade como constituintes do ser	31
3.1.3 “Professores Asas”	36
3.1.4 As reações das relações	37
3.1.5 A escola como lugar de cuidado	40
3.2 O caminho se faz ao caminhar – a constituição do ser professor	45
3.2.1 Competências e saberes	49
3.2.2 Constituição do ser em busca de sentido	50
3.2.3 “O prazer não tem preço” – sentimentos de bem-estar docente	54
3.3 O adolescente em busca de um referencial adulto	57
3.3.1 <i>João e o pé-de-feijão</i> – a descoberta do mundo adulto	57
3.3.2 A adolescência como desejo do adulto moderno	59
3.3.3 A concepção de educadores acerca do “ser professor de adolescentes”	62

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	74
APÊNDICE A – Questionário (alunos).....	75
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Informado.....	77
APÊNDICE C – Modelo de entrevista realizada com os professores.....	78
APÊNDICE D – Modelo de entrevista realizada com a coordenadora pedagógica.....	79
APÊNDICE E – Quadro das respostas subjetivas dos alunos no questionário	80
APÊNDICE F – Exemplo de entrevista (PH).....	84

INTRODUÇÃO

Somos sujeitos constituídos a partir das narrativas feitas sobre nós e, portanto, nossas narrativas são permeadas por subjetividades. Subjetividade essa que vem se construindo a partir das narrativas as quais são (re)significadas por nós e passam ou não a dizer algo a nosso respeito.

Nestas narrativas incluo as mais diversas formas de produção (escrita ou verbal) e as escolhas que nos acompanham durante toda a vida. Portanto, produções (sejam elas da natureza que forem: acadêmicas, literárias, etc) bem como as escolhas, retratam-nos.

Com base nessa breve reflexão, apresento o tema desta dissertação que pretende compreender, através das escolhas e percepções de alunos adolescentes quem é o adulto (neste caso o professor) com o qual se identificam, sendo que este adulto, estando numa posição de autoridade frente ao conhecimento, traz em sua atuação docente referências marcantes enquanto profissional.

O tema em questão vem sendo objeto de curiosidade e estudos uma vez que, durante minha formação na Educação Básica, identifiquei-me com muitos docentes e tenho o privilégio de poder analisar hoje que em sua grande maioria foram, e com certeza ainda são, bons professores.

Bons professores inspiram, motivam, permitem, desafiam e fazem com que tentemos nosso possível melhor. Meus bons professores ensinaram-me muito mais do que a matéria específica a que lhes era destinada, e essa experiência positiva enquanto aluna muito me motivou no momento de minha escolha profissional. Hoje, como psicopedagoga, posso analisar sobre esses aspectos em relação aos processos de ensino e de aprendizagem. Em minha atuação profissional muito tenho influência de meus professores da Educação Básica, uma vez que estes foram referenciais positivos com os quais muito aprendi não só em relação aos conteúdos, mas também observando seus perfis profissionais.

Esta minha busca atual, que tem como objeto de estudo bons professores indicados por seus alunos, segundo critérios mencionados por esses, confirma mais

uma vez a influência dos professores que, na Universidade, nos inspiram a trilhar novos caminhos pelo fato de sermos um constante vir a ser; pois minha formação em Psicopedagogia e, agora, em Educação, permitem-me refletir sobre a importância do professor que possui um olhar diferenciado acerca de seu aluno a fim de qualificar os processos de ensino e de aprendizagem; o que me levou, então, a realização e escolha da temática deste trabalho.

As pesquisas realizadas na área da psicopedagogia comumente costumam tratar de assuntos referentes ao não-aprender, fracasso escolar, etc. Conforme Stolzmann e Rickes (1999), “as dificuldades de aprendizagem entraram na ordem do dia. Tornaram-se as vilãs de todas as mazelas que assolam o cotidiano escolar, bem como o das famílias aí envolvidas”. (p. 39) Devido a isso, penso num tema que venha a evidenciar práticas bem sucedidas realizadas por professores da educação básica. Jesus (2007) afirma: “é preciso saber valorizar os bons exemplos, as boas experiências que podem servir de referência para a construção de um percurso profissional caracterizado pela motivação e bem-estar” (p. 24).

O estudo destas experiências bem-sucedidas no ensino, contribui primeiramente para a auto-imagem e auto-estima dos professores em questão, e, posteriormente, abre caminhos para que outros possam repensar suas práticas e, quem sabe, inspirar-se.

Além de nossa realidade educacional, ensinar adolescentes tem sido uma “missão impossível”, conforme relata Gutierrez (2003). Entretanto, a autora complementa: “ainda encontramos mestres de adolescentes que conseguem cumprir essa função” (p. 16). A pesquisa possui a inquietação referente a esses mestres que assumem a difícil tarefa de sensibilizar através do conhecimento àquele que, muitas vezes, quer se afastar.

Desta forma, pretende-se analisar a fala destes professores e perceber possíveis relações entre eles no que diz respeito a uma prática docente de qualidade visando o sucesso escolar, tendo como problema de pesquisa: **Quais as possíveis relações existentes entre bons professores no que diz respeito a sua constituição enquanto sujeito e sua atuação docente?**

As questões que norteiam o estudo são as seguintes:

- a) Quais as características atribuídas pelo adolescente ao que consideram um bom professor?
- b) De que forma se deu a escolha de ser professor para esses professores?
- c) Como estes professores encaram as crises da profissão docente?
- d) Qual é a percepção dos professores acerca de sua contribuição tanto pessoal quanto profissional para seus alunos?
- e) O que significa para os professores “ser professor de adolescentes”?

O estudo conta com os seguintes objetivos:

- I. Investigar como os adolescentes percebem e identificam seus professores;
- II. Analisar, através do discurso, a compreensão dos professores acerca da atuação junto ao adolescente;
- III. Compreender o que levou estes docentes a escolha profissional e quais foram os referenciais que os influenciaram nesta escolha.

O estudo não apresenta categorias *a priori*, as categorias são todas emergentes do processo de análise dos dados. Em função disso, optou-se por desenvolver o Referencial Teórico juntamente com a Investigação, de modo que o referencial foi sendo juntamente desenvolvido.

A pesquisa foi pensada a partir da reflexão acerca de professores que dêem sentido a sua história e prática profissional para que possam, então, estabelecer uma relação mais satisfatória enquanto mediador entre seu aluno e o conhecimento. Assim como essa preocupação referente aos professores, tenho presente uma grande inquietação frente aos adolescentes que são trazidos por seus pais, na maioria das vezes encaminhados pelas escolas, os quais buscam um espaço onde possam manifestar-se e (re)conhecer-se (re)significando vivências no que diz respeito a sua aprendizagem bem como de seus sentimentos em relação ao processo educacional como um todo.

O educador como um profissional que atua diretamente com o sujeito e que é em sua essência seu instrumento de trabalho, deve trabalhar primeiramente com as suas questões referentes a auto-estima, autoconceito e autocontrole. Devendo estar preparado para o inesperado, para lidar com as questões dos sujeitos e compreendê-las como deles, estabelecendo um espaço de confiança e podendo ser continente a

ponto de fazer com que se deparem com as suas possibilidades, limitações e capacidades sendo, então, capazes de lidar com sua aprendizagem.

Com o presente estudo, busca-se ressaltar a importância do profissional da Psicopedagogia, atuando junto às instituições, nesse caso as educativas, afim de contribuir através da escuta e de intervenções tendo em vista a qualificação da educação, iniciando através dos sujeitos que atuam na Educação Básica.

A psicopedagogia institucional opera no sentido de trabalhar saúde em educação tanto no âmbito da prevenção quanto no de intervenções que se façam necessárias. As intervenções são realizadas junto aos grupos, uma vez que é feito um Diagnóstico Psicopedagógico Institucional com o intuito de identificar as causas da queixa da escola. O trabalho psicopedagógico em ambientes escolares implica que se possa “compreender o processo em que se dá a aprendizagem dos alunos no âmbito escolar, incluindo a ideologia da comunidade educativa, a singularidade da estrutura escolar e a de seus objetivos particulares” (CREMA, 1998, p .138).

Pelo fato do psicopedagogo não se ocupar das matérias escolares e por abordar questões relacionadas aos grupos, mesmo que na maioria das vezes em virtude de assuntos conflitivos, suas intervenções junto aos alunos são, geralmente, vividas de forma prazerosa.

2 A INVESTIGAÇÃO

2.1 Paradigma e Abordagem de Pesquisa

Considerando a Educação como uma área que merece investimento e dedicação, este projeto tem como proposta uma pesquisa cujo paradigma é o qualitativo, que poderá melhor contribuir para uma análise e compreensão de uma realidade em específico. O paradigma vai à natureza dos fatos podendo ir ao local e ver o fenômeno tal qual ele ocorre, permitindo a construção de conhecimentos a partir de realidade educacionais. Sendo a pesquisa qualitativa válida, sobretudo, “na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais” (BARDIN, 2007, p. 141).

A abordagem a ser utilizada será o Estudo de Caso, sendo este um estudo mais profundo e que permite a uma investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2006).

2.2 Análise dos dados

Para a análise dos dados será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2007) sendo esta, segundo a autora, “um conjunto de instrumentos metodológicos [...] que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (p. 7), compreendendo as seguintes fases: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise possui como principal ponto a preparação e escolha do material (que será posteriormente analisado) e a leitura *flutuante* (primeiras leituras de contato com o

texto). Todas as entrevistas foram registradas através de gravação de áudio e transcritas de forma fidedigna.

2.3 Ambiente da Pesquisa

Para a presente pesquisa, a seleção do ambiente no qual ela iria ser desenvolvida, foi feita a partir de um critério particular por parte da pesquisadora. Por se tratar de um tema permeado por emoções, escolhas, bons professores e seus alunos, era necessário uma escola que compreendesse os objetivos e se identificasse com tal temática.

Devido a minha experiência enquanto aluna, já narrada anteriormente, resolvi voltar a minha escola (na qual estudei durante todo Ensino Fundamental e Médio) e propor à direção meu projeto de pesquisa.

Aceito o projeto, considere relevante o estudo devido ao fato de retornar a um ambiente já conhecido, porém agora de um outro lugar. O lugar assumido de pesquisadora permitiu-me a partir da análise dos dados obtidos durante o processo perceber que, a Escola ao longo desses anos, continua a manter bons professores e uma educação de qualidade aos alunos.

Esta é uma escola confessional católica, centenária, da rede privada de ensino de Porto Alegre. Conta atualmente aproximadamente 800 (oitocentos) alunos e 67 (sessenta e sete) professores distribuídos ao longo dos níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Possui laboratórios especializados nas áreas das ciências, sala de aula temática de determinadas disciplinas, sala de informática e recursos multimídia a disposição de professores e alunos.

Tem como filosofia a concepção de que a pessoa é um ser de relações que visa contribuir na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Quanto a proposta pedagógica, objetiva à formação integral do ser humano (coração – inteligência –

vontade), à formação de cidadãos críticos, conscientes e atuantes na sociedade, capazes de saber conviver fraternalmente.

Sua concepção de aprendizagem é fundamentada na aprendizagem da pessoa através de suas próprias ações sobre o objeto de conhecimento e na interação com o outro e com o meio.

2.4 Participantes

O estudo conta com os seguintes participantes:

- 35 alunos de uma turma de 1º ano do Ensino Médio;
- 5 professores selecionados pela turma de alunos;
- Psicóloga responsável pela Coordenação Pedagógica.

A escolha da faixa etária dos alunos participantes deu-se em virtude de poder compreender quem é o adulto com o qual o adolescente se identifica e por estarem ingressando numa nova etapa de estudos e de vida. Iniciando um ensaio de entrada na vida adulta. Os mestres destes adolescentes servem de referenciais adultos no que diz respeito tanto a seu aspecto enquanto pessoa como quanto profissional.

Cinco professores foram os mais pontuados pelos alunos através do questionário explicitado a seguir nos instrumentos utilizados. Os selecionados foram os professores das seguintes disciplinas:

Disciplina dos Professores	Sigla	Atuação	Titulação
História	PH	Ensino Médio e Graduação	Doutorado (cursando)
Matemática	PM	8ª série e 1º ano do Ensino Médio	Licenciatura Plena
Química	PQ	Ensino Médio	Especialização
Ensino Religioso	PR	Disciplinas de Religião e História	Especialização
Geografia	PG	8ª série e Ensino Médio	Especialização

Quadro 1 – Professores selecionados através do questionário

As siglas utilizadas, para a identificação das falas dos professores participantes posteriormente na discussão das categorias, serão as discriminadas no quadro 1.

E, para maiores dados a respeito da escola, foi realizada também uma entrevista com a psicóloga responsável pela Coordenação Pedagógica. A identificação das falas da coordenadora será realizada de acordo com a sigla CP ao longo da análise e discussão dos dados.

Os gráficos a seguir trazem informações a respeito do número de alunos por gênero e por idade, caracterizando a faixa etária.

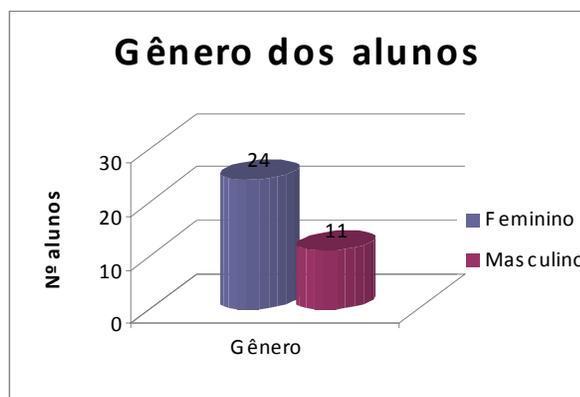


Gráfico 1 – Número de alunos por gênero

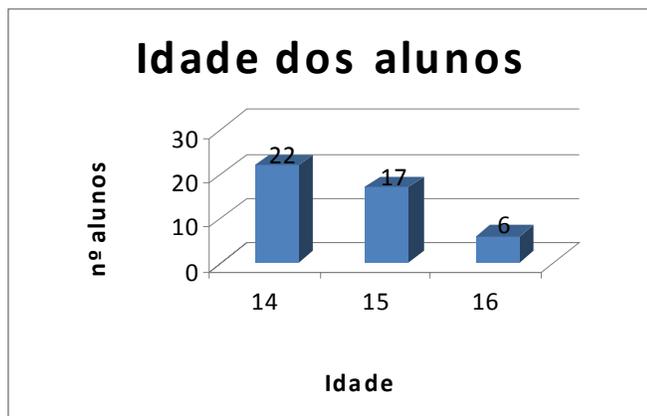


Gráfico 2 – Quantidade de alunos por idade

2.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram os seguintes:

- Questionário¹ (respondido pelos alunos);
- Entrevista semi-estruturada (realizada com os cinco professores selecionados e com a psicóloga responsável pela coordenação pedagógica do Ensino Médio).

Para a identificação dos professores, foi aplicado um questionário em uma turma de alunos de 1º ano do Ensino Médio.

As características pertinentes a um bom professor, é a primeira questão do questionário dos alunos. Nesta questão, foram por eles elencadas as características que consideravam fazer parte de professores considerados por eles bons professores. No quadro a seguir encontram-se estas características, as quais dividimos em relação as que dizem respeito aos aspectos pessoais e aos profissionais:

¹ O modelo do questionário, bem como das entrevistas utilizadas, encontram-se em apêndice.

Pessoais		Profissionais	
Legal	Não seja muito sério	Ensinar bem	Explique várias vezes
Tratar alunos bem	Paciente	Explica bem a matéria	Escreva mais no quadro
Bonito (a)	Exigente	Que nos faça aprender de uma maneira diferente	Que não passe a aula inteira falando
Simpático(a)	Atenção aos alunos / dar importância ao aluno	Aulas dinâmicas	Que faça atividades fora da sala de aula
Divertido(a)		Explicações sem livro	Atividades diferentes, divertidas
Querido(a)	Bom humor	Não desviar da matéria	Explicar quantas vezes for necessário
Não ser injusto	Engraçado	Trabalhos em aula	Conhecimento
Não expor o aluno	Não exigir demais	Temas pontuados	Não dar só matéria
Não seja grosso	Inteligente	Dar trabalhos em dupla	Explicar com clareza
Não demonstre alunos preferidos	Criativo	Aulas diferentes	Saiba fazer o aluno se interessar pela matéria
Não seja muito brincalhão	Interessado	Fazer aula divertida	Cobre tarefas na medida certa
Que respeite o ritmo do aluno	Responsável	Explicar	
Interage com os alunos	Respeito	Tirar dúvidas	
Ser amigo	Compreensão	Fazer revisões	
Saber ouvir os alunos	Descontraído	Dar exercícios	
Conselheiro	Alegre	Dar trabalhos	
Saber brincar na hora certa	Rígido	Fazer esquemas	
Carisma	Querido	Saber controlar a turma	
Não ser irônico	Se aproximar dos alunos	Ensine com qualidade	
Saber interagir com a turma	Conquistar respeito	Boa aula	
Parceiro	Determinação	Competência	
Calm	Ajudar	Saber inovar	
Atencioso	Ter paciência	Incentiva o aluno	
Compreender	Companheiro		
Ser justo	Amigo(a)		
Atitude	Organizado		
Entenda os alunos	Gente boa		
Amigo dos alunos			

Quadro 2 – Características de bons professores atribuídas pelos alunos

A identificação dos professores indicados de acordo com a disciplina que lecionam, dá-se através da questão onde se pede que marquem as disciplinas nas quais o professor possui a(s) características elencadas na questão anterior.

As demais questões possuem perguntas abertas e subjetivas.

Além do questionário foi utilizado o método de investigação do tipo entrevista, pensado por se tratar de uma “encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa” (BARDIN, 2007, p. 89). A autora complementa afirmando que a “subjetividade está muito presente: uma pessoa fala” (p. 89).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O presente capítulo irá contemplar a análise realizada do material que foi coletado à luz das teorias psicanalíticas, Psicologia Evolutiva, Psicologia Positiva, Epistemologia Genética, entre outras. Estando o estudo, portanto, embasado em três temas a partir de seus respectivos aportes teóricos:

1. Bem-estar na docência como sendo o primeiro pilar considerando a relevância e a necessidade de se considerar os sentimentos que perpassam a vida de docentes que vivenciam a profissão com bem-estar. São mestres que “não sucumbem à desvalorização do professor na modernidade, apesar de reconhecê-la” (GUTIERRA, 2003, p. 126).
2. A adolescência, por ser a etapa do desenvolvimento dos alunos participantes da pesquisa que são os que trazem indícios de bons professores na sua concepção; bem como por tratar-se de uma fase na qual se busca referenciais que servem de modelo e inspiração. “Os adolescentes, em busca de sua identidade adulta, reproduzem, imitam [...] como forma de contestação e auto-afirmação” (LEVISKY, 2007, p. 18). Fase esta na qual os professores escolhidos por seus alunos adolescentes, optaram pelo exercício da docência tendo cada um influências de referenciais adultos.
3. E, por fim, a vida adulta, etapa existencial na qual os professores participantes se encontram. Autoestima, autoimagem e autoconceito são elementos que vão sendo delineados ao longo de toda a vida e que nesta etapa irão manifestar-se de forma significativa nas relações interpessoais. Porém, conforme Mosquera (1978), deve-se salientar o fato de que:

a importância da autoimagem e da autoestima decorre, efetivamente, das possibilidades qualitativas da experiência e da construção de mundos ideológicos, que dão sentido à personalidade humana, nas diferentes etapas da vida (p. 71).

Permeando estes três pilares que dão a sustentação teórica ao estudo, um tema é transversal: a afetividade e a manifestação dos sentimentos. Este se presentifica a

todo momento, demonstrando algo impossível, segundo Mosquera e Stobäus (2006), “é impossível separar nossa vida afetiva de nossa vida intelectual e de nossas manifestações afetivas” (p. 94). A qualidade das relações interpessoais do sujeito determinam quão saudável pode-se considerar o desenvolvimento de sua personalidade.

A partir da análise do material coletado através das entrevistas individuais com os professores e com a coordenadora pedagógica, emergiram três categorias que irão compor o capítulo: a primeira se destina ao estudo das relações vinculares estabelecidas entre professores e alunos no ato educativo, a segunda compreende os caminhos trilhados pelos professores que os levaram a escolha profissional de ser professor e a última que se destina ao estudo do adolescente que participa no estudo como o sujeito que dá indícios, através das características atribuídas, o que consideram como bom professor. Cada uma das categorias será anunciada através de uma imagem que possui elementos simbólicos que se relacionam ao conteúdo discutido em cada uma delas.

Os professores serão identificados através das siglas contidas no quadro 1 do capítulo destinado a metodologia. A seguir, seguem as categorias:

- I. Em busca de um olhar – As dimensões e expressões de cuidado e afetividade
- II. O caminho se faz ao caminhar – A constituição do *ser professor*
- III. O adolescente em busca de um referencial adulto



Ilustração 1 – I Primi Passi de Vincent Van Gogh. Fonte:
<http://imagecache2.allposters.com/images/pic/adc/10077261A~Primi-passi-Posters.jpg>

4.1 EM BUSCA DE UM OLHAR – AS DIMENSÕES E EXPRESSÕES DE CUIDADO E AFETIVIDADE

Cuidar é um ato consciente que pode ser ensinado, e consiste, por sua vez, num dos maiores geradores de prazer que o mundo humano conhece” (Capelatto, 2006, p. 7).

Este sub-capítulo inicia este momento de análise e discussão dos dados obtidos através da coleta de dados da pesquisa e trata acerca da afetividade e das relações vinculares estabelecidas entre professores e alunos. A afetividade permeia a prática destes professores, o que os torna sujeitos que se diferenciam devido a forma com que vivenciam a docência e lidam com seus alunos.

A obra selecionada para introduzir esta temática é de Van Gogh e é denominada “I Primi Passi” (Os primeiros passos). A obra simboliza o investimento de um cuidador, descrita cuidadosamente por Alves (2008):

O pai, jardineiro, interrompeu seu trabalho; está ajoelhado no chão, com os braços estendidos para a criança que chega, conduzida pela mãe. O rosto do pai não pode ser visto. Mas é certo que está sorrindo. O rosto-olhar do pai está dizendo para o filhinho: “Eu quero que você ande”. É o desejo de que a criança ande, desejo que assume forma sensível no rosto da mãe ou do pai, que incita a criança no aprendizado dessa coisa que não pode ser ensinada nem por exemplos, nem por palavras (p. 37).

4.1.1 Professores Especiais

Saberia algum ser humano aprender a caminhar sem ter um olhar de investimento e referências humanas? Como no caso do menino selvagem de Aveyron – França, que desenvolveu características primitivas devido a falta de convívio humano.

Doutor Jean Itard² foi quem descreveu este caso, evidenciando um necessário repensar na educação, pelo fato do menino ter sido considerado “retardado” anteriormente. Este texto preconiza a palavra daquele que, por seus alunos foi considerado um professor (educador) especial.

Essa relação foi estabelecida considerando o cuidado que o Dr. Itard teve com o menino bem como pelo fato de ter desenvolvido intervenções educativas que são um marco na história da Educação Inclusiva. Foi além do que diziam os manuais, dispendo de sensibilidade e dedicação.

Estas idéias inauguram as reflexões que emergiram da fala dos professores entrevistados e que dizem respeito as relações entre cuidado, afetividade, identificação e vínculo. Estas relações foram possíveis a partir das narrativas dos professores que foram permeadas por questões vinculadas a importância do vínculo na relação professor-aluno. Vínculo este que possui por parte do professor de grande investimento de afeto no qual fica evidente sua aposta no potencial do aluno.

O fato destes cinco professores terem sido escolhidos por uma turma de alunos como sujeitos que possuem características de bons professores, foi recebido com imensa satisfação por parte de todos professores.

Ser escolhido bom professor, é uma forma de dizer olha realmente tu ta fazendo a coisa certa, é uma coisa que tu gosta de fazer. Então ser escolhido dentro de uma gama grande de colegas é muito gratificante, é muito especial eu acho (PM).

Para esta entrevistada, o fato de ter sido escolhida remete ao fato de evidenciar que ela está “fazendo a coisa certa”. Ser um mestre que é visto e sentido por seus alunos com reconhecimento frente a sua atuação, remete a passagem na qual Kupfer (1992) ressalta:

Um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial. Graças a essa importância, o mestre passa a ter em mãos um poder de influência sobre o aluno (p. 85).

O fato de se fazer o que se gosta também foi mencionado pelos professores como sendo algo que determina o envolvimento e o sucesso profissional, como também relata este professor:

² In: BANKS LEITE, Luci, GALVÃO, Izabel, LUIS, Carlos Rafael. et al. **A educação de um selvagem – as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000.

Eu sempre digo pros meus alunos, principalmente para os alunos do 3º ano, que a gente tem que fazer o que gosta (PH).

No que diz respeito a relação entre professor e aluno, este outro professor refere que:

Pra mim ser educador não é só o conteúdo e sim a relação, porque o que prepara o aluno é a relação (PR).

Nesta fala percebe-se que para este professor a relação estabelecida junto ao aluno é tão importante quanto o conteúdo a ser trabalhado. Concebe que ser educador é não só o conteúdo mas também a relação que, para ele, é o que irá preparar o aluno. E ainda sobre a relação ele acrescenta:

O que me deixa feliz em ser escolhido pelos alunos é que eu estou semeando o ensinamento da relação positiva. [...] Com meu jeito, com meu carisma, com meu conteúdo [...] isso motiva o professor, chama a atenção (PR).

Sua fala é impregnada de emoção não só quando fala sobre sua profissão mas também quando refere-se a seus alunos. O fato de ter sido escolhido também para este outro entrevistado é motivador:

Tu te abre e tu te motiva a fazer determinadas coisas, eu acredito que esses critérios avaliados pelos alunos significa: “esse é o caminho, a comunicação é essa” (PQ).

Ele considera que ser escolhido é também uma forma de se ter a idéia de estar fazendo a coisa certa, assim como outros já haviam relatado anteriormente. O fato de serem escolhidos lhes dá uma sensação de reconhecimento frente a um grupo, isso porque, na maioria das vezes, não há espaço para estas manifestações por parte dos alunos. Os professores acabam sendo avaliados sob outros critérios: cadernos de chamada, provas, quantidade de alunos em recuperação, etc.

Normalmente [...] onde tu trabalha, a resposta da tua conduta profissional [...] é a parte final que é o resultado (PQ).

A escolha realizada pelos alunos participantes da pesquisa, é uma forma de avaliar qualitativamente a atuação de docentes que possuem uma representatividade positiva dentre seus alunos. É uma forma de se refletir acerca das práticas bem sucedidas que vem sendo desenvolvidas, normalmente, de forma silenciosa. Como

bem coloca um dos professores: “eu tenho a maior resposta que é a do meu aluno” (PQ). Fica claro que possuem uma missão e que a encaram e a cumprem de forma dedicada e reflexiva.

4.1.2 Cuidado e afetividade como constituintes do ser

A afetividade não se encontra prevista nos currículos da escola, nem é considerada tão importante quanto a aprendizagem de conteúdos formais. Na educação formal segue a lógica cartesiana onde há uma especialização de áreas onde cada professor é responsável por um saber não realizando a integração adequada entre os conhecimentos necessários a serem construídos. Moreno (2003), neste sentido, afirma:

O ensino tradicional centrou-se prioritariamente nos conteúdos que dão instruções sobre o comportamento do mundo dos objetos e tem concedido menos importância àqueles que contribuem com conhecimentos para o comportamento das pessoas, começando pelo autoconhecimento (p. 45).

Ainda Moreno (2003) refere que, “foram os antigos pensadores – os considerados “pais” da nossa cultura – que decidiram, em função de seus interesses quais eram os campos de conhecimento sobre os quais valia a pena pensar, dentre vários outros possíveis” (p. 44).

As tentativas de separação entre o mundo racional e o emocional têm fracassado, uma vez que não há como dissociá-los; para que se compreenda um sujeito deve-se considerá-lo como um todo. Assim como o professor, o aluno deve ser considerado em suas especificidades, características e necessidades próprias, articulando seus saberes e emoções.

Pensando na origem etimológica do termo afeto, Alves (2004) contribui lembrando que “afeto, do latim *affetare*, quer dizer ir atrás. O ‘afeto’ é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado” (p. 20). O desejo pelo conhecimento depende do afeto que

está implicado por trás, sendo necessário para que ocorra o movimento de ir em busca do objeto do qual se busca.

Cuidar do outro é permear com o seu próprio cuidado, ou, (pré) ocupar-se do outro, e evidenciar que este que se preocupa foi objeto de preocupação. O outro, aqui no caso o educador, é um sujeito (já cuidado) capaz de estabelecer os limites necessários. Compreende-se que para que um sujeito, aqui no caso o professor, esteja apto a cuidar de um outro, no caso os alunos, seja necessário que alguém tenha investido e cuidado deste professor anteriormente (família, professores, escola).

Porém, não basta que tenha sido cuidado, é preciso que possa contar com alguma rede de apoio na instituição na qual atua para que continue a ser cuidado. A fala da psicóloga evidencia sua preocupação em constituir-se como cuidadora no momento em que busca a criação de um espaço de assessoria no qual os professores possam ter um lugar de escuta e orientação:

Acredito que alguém tem que cuidar de quem cuida, então um espaço de assessoria, acho fundamental. Ao menos tentar uma vez por semana, seria o ideal. Ou a cada 15 dias pro professor falar do que está acontecendo com os alunos dele. É uma coisa privilegiada, só que até a 4ª série a gente consegue isso, depois a gente não consegue. Então por onde deságua isso? (CP).

Com relação ao cuidado que os professores precisam ter de si, estando sempre atentos as suas atitudes, pensamentos e concepções, Timm (2006) ressalta que “no cuidado de si, que inclui o cuidado do outro, é que o professor se immortaliza” (p. 55). Ainda Timm (2006) problematiza a questão referente ao pensamento do professor “que cuida de si porque deseja fazer de sua existência uma obra de arte” (p. 24).

Capelatto (2006, p. 8), referindo-se a arte de cuidar afirma: “não é necessário estabelecer um determinado espaço de tempo, mas aproveitar adequadamente o tempo que se ocupa nesse cuidado.”

Logo, este reconhece e desdobra sua preocupação e redobra cuidado pelo outro. A satisfação que o educador tem em ocupar-se pela vida do aluno, é uma retomada das relações que construiu durante a sua vida, de valorização por quem o cuidou, fazendo assim uma aposta neste lugar de quem cuida e investe.

Para melhor aproximar-nos desses professores-educadores seguirei por uma trilha de palavras, que servirão de pegadas, sendo estas o seu registro e retomada das entrevistas. Logo, a idéia de iniciar este texto com o termo pré ocupar-se emergiu dos relatos do presente estudo. Um relato em especial presentifica esta reflexão, no qual a educadora atribui como meio de proporcionar o seu ensino, sendo este, a sua preocupação em atingir seus alunos, por sua vez, constituir contato:

Eu tenho uma preocupação muito grande com aquela turma porque tem alunos que vieram de fora, de fora do estado. E que às vezes tu tá olhando e tá vendo que não tá atingindo aquele olhar. Isso é difícil realmente a gente tenta mas nem sempre a gente consegue (PM).

A palavra contato foi centro de sua narrativa explicativa para a questão realizada na entrevista referente ao sentimento de ser parte na pesquisa sendo um dos professores escolhidos pelos alunos:

Isso tudo já envolve a gente e ser o professor escolhido eu acho que é uma coisa muito gratificante porque a gente tá ali faz o trabalho porque gosta, porque o contato com este aluno é uma coisa muito gostosa, é uma alegria (PM).

Uma das primeiras formas de contato estabelecidas pelos sujeitos (desde seu nascimento) é o olhar. O pai, a mãe, o cuidador, buscam primeiramente, através do olhar, estabelecer uma comunicação ainda que primitiva. É a forma que possuem para que passem a se conhecer e compreender o funcionamento um do outro. O olhar é impregnado de desejo, uma vez que o desejo é o desejo do outro. Esta implicação de desejo é equilibradora e compensadora dos desvios orgânicos e, por conseguinte, da construção do conhecimento. O desejo é o desejo do Outro³, existindo, portanto, uma relação de aposta, ou seja, uma relação de uma falta: ou para mais ou para menos.

Logo que o próprio sujeito chega ao ser, ele o deve a um não-ser sobre qual ele ergue seu ser. E se ele não o é, se ele não é algo, é que ele testemunha, evidentemente de alguma ausência, mas ele permanecerá sempre devedor desta ausência, quero dizer que ele terá de dar a prova disto, na falta de dar prova da presença” (LACAN, 1987, p. 242).

³ A grafia da palavra outro com letra maiúscula, refere-se a forma utilizada pela psicanálise lacaniana o qual diferencia através dessa grafia atribuindo uma certa importância ao não-eu.

Complementando a questão do desejo, Stolzmann e Rickes (1999) contribui afirmando que para que o sujeito tenha acesso minimamente ao conhecimento “é necessário que o Outro deseje o seu desejo de saber” (p. 50).

Nossas mais íntimas relações interpessoais possuem o olhar também como a primeira forma de interação e comunicação. É através deste olhar que, em fração de segundos, em nós podem ser ativados os mais diferentes sentimentos: desde o amor até o menosprezo.

O professor possui em sala de aula os mais diferentes olhares, os quais deverá procurar desvendar e aproximar-se para melhor entender o que se passa com cada aluno. Nesta fala, pode-se perceber a importância que esta professora atribui a individualidade de cada aluno bem como a percepção das subjetividades:

Tem que ter um cuidado sim, pra não olhar mais pra um do que pra outro, acho que a gente tem que ter esse cuidado. Eles ali são todos alunos e tem um potencial de aprendizagem, uns tem mais facilidade e outros menos [...] não consigo dar uma aula sem olhar pro olho do meu aluno porque ele vai me dizer nesse olhar (PM).

Alves (2004) complementa estas idéias quando refere sobre aprendizagem através de um questionamento: “será possível aprender sem que os olhos estejam fascinados pelo objeto misterioso que os desafia?” (p. 11)

Com relação aos difíceis problemas enfrentados pelo educador, sendo eles, segundo Freud (1974) a forma como:

Ele tem que reconhecer a individualidade constitucional da criança, de inferir, a partir de pequenos indícios, o que é que se está passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade (p. 183).

O educador da criança é o educador do adolescente: estão em lugares semelhantes frente a construção do conhecimento, mas encontram-se lidando com sujeitos que estão em diferentes ciclos de desenvolvimento. O amor referido por Freud vem ao encontro das idéias aqui apresentadas, uma vez que os professores do estudo possuem características semelhantes no que diz respeito a condição afetiva que demonstram tanto em suas falas quanto em sua prática docente. Alves (2004) afirma,

nesse sentido, que “toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva” (p. 20).

A fala deste professor vem bem ao encontro destas idéias:

Acredito que a amorosidade é o canal, é isso.. mas eu não me programo para mostrar isso, eu sou isso (PQ).

Nesta fala fica clara a concepção deste professor quanto a amorosidade, referindo que a expressão de sua afetividade é uma questão que constitui o seu ser e permeia suas relações, não é intencional ou programada.

Para esta outra professora, o contato prerroga a sua diferença enquanto professor, reconhecendo a gratificação e o prazer que sente por estar neste papel, embora não muito certa e convicta, pelo uso que faz do seu contato com os alunos, acaba relacionando a sua experiência enquanto aluna e sua identificação com seus professores, onde um em especial foi marcante:

Eu tive uma professora 7ª e 8ª. Aí eu disse assim que coisa linda e foi ali que eu decidi que eu ia fazer matemática. Foi a partir da 7ª série. Acho que da forma que ela trabalhou comigo, da forma que ela trouxe a matemática pra mim, foi muito diferente. E foi isso que me fez despertar, eu sempre gostei e dali pra frente eu sempre fui bem e sempre tive facilidade até (PM).

Pelo seu encantamento e por suas superações frente as dificuldades para aprender, este professor modelo e inspirador também usufruiu do seu contato com os seus alunos para ajuda-los. Logo, a visão especular, ou visão que faz hipótese, pode ser entendido pelo olhar de quem foi olhado, gerando qualidade no seu contato e sendo propulsor da leitura que faz de seus alunos, trazendo-lhe bem-estar para sua ação de ensino.

Mas eu não consigo dar uma aula sem olhar pro olho do meu aluno porque ele vai me dizer nesse olhar (PM).

4.1.3 “Professores Asas”

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas” (Alves, 2008, p. 29).

As escolas nomeadas de “Escolas gaiolas” existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Os pássaros quando engaiolados deixam de ser pássaros porque a essência dos pássaros é o vôo. Já as “Escolas asa” não amam pássaros engaiolados, o que elas amam são os pássaros em vôo. Elas existem para dar aos pássaros coragem para voar. Segundo Alves (2008, p. 30), “ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”.

Estas reflexões de Rubem Alves remetem-me a esses professores que são um pequeno grupo dentro de um universo maior que é a escola. Não é possível generalizar e dizer que a escola escolhida para a pesquisa é uma “Escola asa”; mas é possível afirmar que estes professores sem dúvida são, então, “Professores asas”. São professores asas pelo fato de permitirem aos seus alunos adolescentes esta experiência de ter um mestre com o qual possam contar, admirar, respeitar e inspirar-se. Mestres estes que apostam no potencial dos jovens e os encorajam a pensar e a refletir acerca de si e acerca da vida utilizando sua breve permanência em sala de aula, limitada à disciplina, possibilitando que possam alçar vôo para além dos muros da escola.

Esta nomeação que faço a esses professores foi a partir do que eles me demonstraram tanto nas entrevistas quanto nas observações em sala de aula. São sujeitos que amam o que fazem e que amam seus alunos, pois são eles a sua razão de ser professor. Buscam aproximação, contato, estabelecem relações positivas e sadias com os alunos. Como contrapartida, recebem deles respeito, consideração e reconhecimento; reconhecimento este que ficou evidenciado na grande representatividade que estes cinco professores tiveram quando do momento da escolha realizada através do questionário.

Durante a entrevista, a psicóloga, coordenadora pedagógica, também evidenciou em sua fala aspectos que vão ao encontro dessas idéias:

Não foi por acaso que esses professores foram os eleitos na preferência dos alunos, são pessoas que de alguma forma captam essa disponibilidade de vínculo, então não é tão gratuito que o nome deles tenha aparecido (CP).

Acertadamente Alves (2008, p. 77), referindo-se aos problemas vivenciados por nossos professores em relação a educação, afirma: “a despeito de todas as coisas ruins e andando na direção contrária, há professores que amam seus alunos e sentem prazer em ensinar”. São professores que desejam o desejo de aprender do outro (Stolzmann e Rickes, 1999, p. 45). Nesse sentido, pode-se novamente referenciar o discurso da coordenadora pedagógica:

Tu tem que confiar, admirar, gostar, pra achar que aquela pessoa tem alguma coisa importante pra te dar e acho que passa assim também... o professor tem que se vincular e desejar que o aluno aprenda, acho que quando o professor olha e acredita e tem desejo do desejo do aluno isso acontece (CP).

Normalmente ouve-se falar a respeito da professora como sendo mais sensível, amorosa, disponível em termos de educação em todos os níveis. Porém, chama a atenção o fato de dentre os cinco professores escolhidos, somente um deles ser do campo feminino.

4.1.4 - As reações das relações

E foi então que apareceu a raposa.

___ Bom dia - disse a raposa.

___ Bom dia - respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando a sua volta, nada viu.

___ Eu estou aqui - disse a voz, debaixo da macieira...

___ Quem és tu? - perguntou o príncipezinho. ___ Tu és bem bonita...

___ Sou uma raposa - disse a raposa.

___ Vem brincar comigo - propôs ele. ___ Estou tão triste...

___ Eu não posso brincar contigo - disse a raposa. ___ Não me cativaram ainda.
 ___ Ah! desculpa - disse o príncipezinho.
 Mas após refletir, acrescentou:
 ___ O que quer dizer "cativar"?
 ___ Tu não és daqui - disse a raposa. ___ Que procuras?
 ___ Procuo homens - disse o pequeno príncipe. ___ Que quer dizer "cativar"?
 ___ Os homens - disse a raposa - têm fuzis e caçam. É assustador! Criam galinhas também. É a única coisa que fazem de interessante. Tu procuras galinhas?
 ___ Não - disse o príncipe. ___ Eu procuro amigos. ___ Que quer dizer "cativar"?
 ___ É algo quase sempre esquecido - disse a raposa. ___ Significa "criar laços"...
 ___ Criar laços?
 ___ Exatamente - disse a raposa. ___ Tu não és nada para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E Não tenho necessidade de ti. E tu também não tem necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. Eu serei para ti única no mundo...
 ___ Começo a compreender - disse o pequeno príncipe. ___ Existe uma flor... eu creio que ela me cativou... (SAINT-EXUPÉRY, 1980).

As relações estabelecem-se no momento em que criamos laços com um outro. Criar laços vai mais além do que simplesmente estar em interação com pessoas. Os laços unem os sujeitos de diferentes maneiras e diferenciam as relações interpessoais. A qualidade e o motivo dos laços é o que concede significado às relações.

Conforme a teoria newtoniana, toda a ação leva a uma reação. Embora a descrição seja no âmbito físico e coerentemente comprovada, servirá de base através de outra significação baseada então pela observação sobre as ações e reações que será apresentada pelos vetores das relações e como esta contribui para inscrever aquele que foi nomeado um bom professor sendo que este obteve uma boa reação às ações dos alunos.

Para esta reflexão serei intermediária a ponto de ler como se organizam os vetores de ambas as ações nas relações de alunos e professores. Esta leitura terá como base as contribuições dos alunos a partir de suas respostas no questionário. Logo, a educação não ocorre somente a partir da ação de um professor, ela depende e deveria ter como prioridade a percepção da reação dos alunos frente a esta ação.

Professor e aluno são composições e ocupam posições que se alternam simultaneamente, estabelecendo um jogo de interrelações e afeições. Moraes (2004) através de um jogo de palavras remete sobre essas interrelações:

Quem educa também aprende, transforma-se no próprio ato de educar, na relação que estabelece entre professor e aluno. O aprendiz, por sua vez, ao aprender, também educa, com base na unidualidade existente na relação educador-educando e educando-educador. Ao falar do educador, reconhecemos sua posição de educando e vice-versa (p. 150).

Portanto, as necessárias ligações de afeto entre professor–aluno e aluno–aluno poderiam denominar cada sala de aula como representativa de um composto de elementos.

Seguindo a lógica do que se propõe até então, sendo ela os elementos como jogo de posições que opera uma composição, uma vez que educador e educando assumem diferentes posições e articulam seus saberes. Para que a mediação entre aluno e conhecimento ocorra satisfatoriamente, é necessário que o processo tenha uma atenção consciente a sua atuação (ação) e a resposta dos alunos frente a essa atuação (reação). Este é um caminho que requer experiência, pois leva-nos a percorrer uma trilha desconhecida e por vezes ameaçadora, que nos desequilibra necessitando de uma nova acomodação.

Portanto, a interação e a comunicação são vetores que possibilitam que algo venha a ser comum entre os elementos (professores e alunos). Assim, a comunicação impulsiona e estabelece as posições entre os elementos, que compostos e bem articulados organizam a aprendizagem através das forças existentes no estabelecimento das relações. Estas relações são possíveis e fundamentam-se a partir da linguagem que é estabelecida entre os elementos, presentificando uma ausência no momento em que há espaço para que se restabeleçam-se os vínculos. A linguagem, portanto, constitui-se do que possibilita a intermediação das relações.

4.1.5 – A escola como lugar de cuidado

O grande desafio relacionado a constituir-se subjetivamente e objetivamente como um sujeito da aprendizagem é o de ter sido investido, desde as origens, para esse lugar de ser pensante (Sordi, 2000, p.54).

O educador como um profissional que atua diretamente com os sujeitos aprendentes e que é em sua essência seu instrumento de trabalho, deve trabalhar primeiramente com as suas questões referentes a auto-estima, autoconceito e autocontrole. O autoconhecimento é também fundamental para que o educador possa realizar sua prática profissional de forma sadia e satisfatória; qualificando assim seu vínculo com os alunos e com a instituição na qual atua. A respeito da subjetivação, num viés psicanalítico, Freud contribui:

Seria melhor que o educador tivesse sido, ele próprio, analisado, de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente. A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática (1974, p.183).

Este conjunto de fatores contribui para que o docente esteja preparado para o inesperado, para lidar com as questões dos sujeitos e compreendê-las como deles, estabelecendo um espaço de confiança e podendo ser continente a ponto de fazer com que se deparem com as suas possibilidades, limitações e capacidades, sendo, então, capazes de lidar com sua aprendizagem. Este espaço de confiança e continência possibilita que se desenvolva um espaço de escuta e diálogo, no qual professores e alunos estabelecem relações positivas num espaço de grandes aprendizagens e socialização de saberes.

Porém, é necessário que este educador compreenda e sinta a necessidade do processo de autoconhecimento, pelo fato de ser um processo intrapsíquico. Observa-se que essa necessidade é percebida pelos profissionais de saúde e educação desta escola em especial, durante a fala da coordenadora enquanto considerava a respeito das relações e vínculos necessários para uma aprendizagem mais satisfatória:

tem toda a subjetividade do aluno e toda a subjetividade do professor. Só que eu acho que os professores deveriam poder, no mínimo, ter um razoável nível de autoconhecimento pra poder se monitorar nessa questão de se relacionar (CP).

A escola necessita assumir-se como um espaço de cuidado, uma vez que é um espaço de aprendizagem, socialização, construção e saúde mental. A coordenação pedagógica e o setor de Orientação Educacional são as esferas da escola que possuem subsídios para colocar-se a disposição de professores e alunos para exercer esse cuidado. A escola, muitas vezes, é o local no qual os sujeitos manifestam suas dificuldades e entraves psicológicos, evidenciados através do não-aprender como um sintoma.

Os profissionais de ajuda presentes na escola (pedagogos, orientadores educacionais, psicopedagogos e psicólogos) devem estar atentos a estes aspectos para que sejam feitas as devidas intervenções de acordo com o tipo de serviço adequado e, quando necessário, realizar o encaminhamento do sujeito estabelecendo um espaço de confiança junto às famílias. Deve-se ter sempre presente que a construção de conhecimentos não é o propósito central da escola, tendo também como foco a formação integral do indivíduo.

A atenção deve estar voltada não apenas para os alunos, mas também aos professores que sinalizam de diversas formas quando algo não está bem. A jornada de trabalho, na maioria dos casos, é de mais de 40 horas semanais; o que acaba influenciando no bem-estar e no desenvolvimento do trabalho dos professores. Nesse recorte da fala da coordenadora, esses fatos aparecem:

Ser professor é muito difícil, é um desafio imenso e está difícil hoje em dia [...] os professores [...] sobrecarregados, um monte de alunos, muitas vezes mais de uma escola pra conseguirem ter o mínimo [...] e nisso ter a particularidade de cada aluno é muito difícil, às vezes eles têm até muito boa vontade mas tem uma questão às vezes até concreta de tempo, de espaço interno pra isso, os alunos tem muita necessidade, sugam o professor (CP).

Com relação ao caráter preventivo e de cuidado da instituição escola, Crema (1998) afirma:

Toda instituição vem cobrir uma carência, preencher um vazio, e, para perdurar no tempo, deve satisfazer uma necessidade social; é por isso que os objetivos e

os métodos empregados em cada organização vão diferir de acordo com o ideal de homem a que aspire tal sociedade (p. 139).

Cada instituição possui suas concepções, crenças e prioridades que constituem uma identidade própria. Os integrantes da instituição, neste caso os professores que participam do estudo, passam a não só integrar funcionalmente seus cargos, mas também vivem de forma a se sentirem instituídos, garantindo-lhes outro aspecto de sua identidade. Pertencer a uma instituição dá ao sujeito uma identidade, além de garantir continência e apoio; respondendo a necessidade de “estar incluído num vínculo que sustenta o eu” (CREMA, idem, p.139).

Percebe-se que a afetividade, quando permeia a ação educativa, confere um espaço de confiança a sala de aula no qual estabelecem-se o respeito, o compromisso, a ética dentre outras características que foram também mencionadas pelos alunos como sendo necessárias ao bom professor. Polaino Lorente (2004), quando trata a respeito da educação na afetividade e para o compromisso, contribui afirmando que “a manifestação afetiva por excelência é o amor. Mas o amor é compromisso, o amor exige a doação de uma pessoa a outra. Se não acontece essa doação não se pode falar propriamente de amor” (p. 109).

Portanto, é através da afetividade que há a possibilidade de uma melhor condução dos processos de ensino e de aprendizagem. Considerando que é necessária também a condição de um permanente investimento no ser do professor, de forma a proporcionar um espaço de ação-reflexão-ação sobre as questões relacionadas ao processo de ensino. Esse espaço de escuta assemelha-se ao momento de uma entrevista de pesquisa, na qual o sujeito pode expressar-se e refletir acerca do pensado, tendo em sua frente alguém interessado no que está explicitando. No caso de uma intervenção com olhar e viés da psicopedagogia, é concedido ao sujeito essa possibilidade: fazer ecoar seus pensamentos para que possa também escutar o que vem emergindo através de sua fala.

Algo semelhante e que fez emergir estas reflexões surgiu na fala deste professor, no momento em que avaliava a experiência de estar sendo questionado acerca destes temas e de ter um profissional disponível e envolvido no processo de escuta:

É um prazer poder fazer isso, ter alguém que nos escute em relação a isso. Porque normalmente nós ficamos no aspecto profissional: trouxe nota, passou nota? Uma coisa extremamente mecânica. E a educação não deveria ter esse parâmetro, deveria ter um parâmetro assim: se as escolas tivessem pessoas que nos questionassem isso ou que conversassem o que nós estamos conversando, quem sabe esse caos seria muito mais ordenado. Eu acredito que esse caos é o grito da estrutura do aluno em relação ao que temos que mudar (PQ).

Esta fala vem complementar e reforçar a importância da criação de um espaço para que se possa repensar práticas em Educação. Podendo, através disto, qualificar a atuação docente e também valorizar as práticas que vem sendo desenvolvidas de forma significativa.



Ilustração 2 – Nascimento de Narciso de Salvador Dali. Fonte:

http://kherian.files.wordpress.com/2007/11/salvador_dali5.jpg

4.2 O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR – A CONSTITUIÇÃO DO SER PROFESSOR

À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele (Delors, 2003, p. 89).

Nesta segunda categoria, será abordado o tema referente ao ser professor. Tema este que possui alguns desdobramentos: a escolha profissional, os referenciais que influenciaram esta escolha, a formação docente, dentre outros. A obra escolhida para servir de ilustração a esse tema, é a obra de Salvador Dali intitulada “Metamorfose de Narciso”.

Refletindo acerca do simbolismo e da relação desta imagem com a categoria, fiz a seguinte análise: um conjunto de elementos quando refletido pode originar o que quer que imaginemos, depende de nossa percepção. Dependendo do olhar lançado sobre a imagem, os significados enxergados são diferentes. Quando observada de longe, os detalhes não são visivelmente percebidos em função de se estar tendo a idéia de um todo. Tendo esta visão me pareciam ser pedras que refletidas originavam a figura de narciso. Quando nos aproximamos e lançamos um olhar mais detalhista, percebe-se os elementos que a compõe. Neste caso, visualizo dedos humanos que seguram um ovo, do qual está saindo a garra de um animal.

Busco com esta obra a reflexão acerca da imagem que construímos acerca de nós mesmos. Dependendo da forma com a qual nos olhamos (seja pela nossa imagem refletida, pelas características pessoais e pelo olhar do outro), construímos imagens que nos personificam. Estas idéias dizem respeito aos processos de auto-imagem e auto-estima, os quais são construídos por nós através da relação. Quando desenvolvemos uma boa auto-estima, há a existência de um filtro que utilizamos para diferenciar o que nos é direcionado, o qual pode aceitar como verdade ou refutar aquilo que nos está sendo endereçado.

A construção da auto-imagem se dá através da relação, e é através da relação que nos perpetuamos. Sobre o desenvolvimento da auto-imagem, Mosquera (1978) afirma que “acontece através de um processo contínuo que está determinado pela vida

individual e que se estrutura na ação social” (p. 70). Cada sujeito desenvolve sua auto-imagem através da interação com os diversos grupos, que nos influenciam. Ao longo da vida, vamos revisitando a idéia que formamos a nosso respeito (potencialidades, limitações, aspirações, entre outros). Trata-se da consciência que temos acerca de nosso si, sendo este um processo interativo que nos conduz a reflexão e a comunicação (MOSQUERA, 1978).

A importância do desenvolvimento positivo e consciente, que passa pelo autoconhecimento, tanto da auto-imagem quanto da estima para a prática do professor é pontual. A preocupação com o ser auxilia ao sujeito em sua vida como um todo, refletindo em sua prática profissional de forma positiva. Este investimento transita pelo valor que atribuímos a nós mesmos, sendo a auto-estima “apenas um objeto que não coincide com o verdadeiro sentimento de valor, que se nutre especialmente no respeito que cada pessoa tem por si” (MOSQUERA, 1978, p.73). A auto-estima constitui-se de um reflexo da auto-imagem construída pelo sujeito. Polaino Lorente (2004) afirma “sem conhecer-se é muito difícil que possa um *amar-se a si mesmo* – ninguém ama o que não conhece” (p. 37).

Ser reconhecido e escolhido como bom professor é um fator que influencia na autoestima do professor, como na fala desse professor quando refere a respeito do que significa para ele ter sido escolhido:

É exatamente uma materialização de algumas idéias que eu tenho em relação a isso, da minha parte profissional e da conduta que eu tive em relação a essa metodologia que eu aplico [...] isso é decisivo, até porque tu te abre e tu te motiva a fazer determinadas coisas. (PQ)

Os professores participantes da pesquisa evidenciaram uma boa auto-imagem e um apreço consigo próprios. Percebe-se, inclusive, que estas características da forma de ser destes educadores possuem referência às características atribuídas pelos alunos a estes. Como na fala destes alunos, que reforça estas idéias:

A maioria dos professores foi escolhido tanto pela pessoa e principalmente pela competência (A15)

Esses professores se aproximam dos alunos e conseguem conquistar o seu respeito (A24)

Sobre a imagem do professor, este outro aluno coloca que “o fundamental é o professor passar uma boa imagem de si para os alunos, e mantê-la até o final, a mesma coisa para os alunos” (A1). Isso evidencia a necessidade sentida pelos adolescentes pelo fato de estarem constantemente em busca de um referencial adulto e maduro para que possam identificar-se. Essa identificação passa também por um processo de idealização, uma vez que as figuras paternas, que são os primeiros referenciais adultos provenientes da infância. Agora o adolescente lança-se em busca de outros adultos que passam a ser idealizados e com os quais estabelecem uma relação de encantamento. Neste caso, a figura do bom professor ocupa esse lugar, possibilitando aos alunos um vínculo que irá garantir aspectos necessários a um relacionamento. Relacionamento este no qual se estabelece uma relação de respeito mútuo em função do encantamento e da postura do professor frente a este grupo. A fala da coordenadora complementa essas idéias quando refere que:

Tem que estar muito de bem com o que se faz pra que a pessoa te admire, pra que a pessoa te autorize a ser modelo (CP).

Através dessa fala, que vem ao encontro do perfil e da forma de ser e atuar desses professores percebe-se também os motivos pelos quais nos encantamos ou não por determinadas pessoas. Alguns elementos são extremamente necessários para que autorizemos determinadas pessoas a que sejam nossos modelos, referenciais os quais irão inscrever em nossa história os elementos que fizeram com que houvesse esse encantar-se.

Ainda na fala da coordenadora, enquanto falava a respeito do perfil dos professores escolhidos, retoma a questão do modelo e do prazer que ela percebe na atuação dos mesmos:

Passa pelo prazer que o professor também mostra no que ta fazendo. Tu ter uma pessoa na tua frente entusiasmada, que gosta do que faz, que vibra com aquilo, qual é o adolescente que não se engaja quando tem esse tipo de modelo? (CP).

Com relação a postura, é possível também identificar os aspectos saudáveis presentes no desenvolvimento da personalidade destes adultos. Aspectos estes que tem como base a adolescência destes adultos, que frente ao grupo de alunos é resgatada ou retomada.

A escolha de ser professor emerge na fala de um professor, como sendo uma vocação a ser seguida:

Coisas que me levaram a assumir com toda seriedade a minha vocação profissional, ou seja, o ser professor (PR).

A palavra vocação surge como a nomeação de uma certeza, da convicção de estar indo ao encontro de suas habilidades pessoais. As habilidades são construídas ao longo da vida, pela educação familiar, educação formal como também nos espaços não-formais de ensino. A partir destas construções, pode-se considerar a profissão docente como uma profissão moral. Nesse sentido, Marchesi (2008) complementa:

A moralidade finca suas raízes na experiência afetiva das pessoas, ou seja, não é possível separar radicalmente a dimensão cognitiva da dimensão emocional na atividade moral e, portanto, na atividade educativa (p. 129).

Com relação a questões antinômicas como afeto e cognição, pode-se relacionar à teoria proposta por Quintana Cabanas (2002) denominada Teoria Antinômica da Educação. Esta compreende a educação como um jogo de antinomias, através de contribuições da dialética de Hegel. Segundo o autor “a educação não é um fato normalizável do mundo harmônico, absoluto e evidente [...] pelo contrário, comporta uma contradição interna de princípios que a convertem num programa de ação não muito bem definido” (p. 222).

A presente teoria compreende 20 antinomias e, dentre elas, a 16ª refere-se a “educação entre a atividade intelectual e a atividade amorosa” (p. 256). É importante situar a visão antinômica pelo fato desta estabelecer-se a partir do ponto de vista da natureza do ato educativo. Quintana Cabanas (2002) afirma que:

A educação em geral inclui também, certamente, o ensino (que é a educação da inteligência); mas a educação é um conceito mais amplo do que ensino, pois refere-se também ao cultivo de dimensões da personalidade que supõe outras esferas desta, como é o caso dos sentimentos.

Estas questões possuem referência com a afetividade da pessoa, que é, segundo o autor, “o grande motor do seu comportamento, inclusive da atividade intelectual: educar é condicionar os motores da conduta” (p. 256). A possibilidade da modulação do afeto por parte do professor, é importante quando se considera a afetividade como imprescindível no estabelecimento da relação entre professor e aluno.

4.2.1 Competências e saberes

O relatório para a UNESCO, elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, identifica 4 pilares como base das competências do futuro. Esses pilares constituem-se de quatro aprendizagens fundamentais a serem desenvolvidas ao longo de toda a vida nos alunos, segundo Delors (2003):

- Aprender a aprender (adquirir instrumentos de compreensão);
- Aprender a fazer (para poder agir sobre o meio envolvente);
- Aprender a viver juntos (a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas);
- Aprender a ser (via essencial que integra as três precedentes).

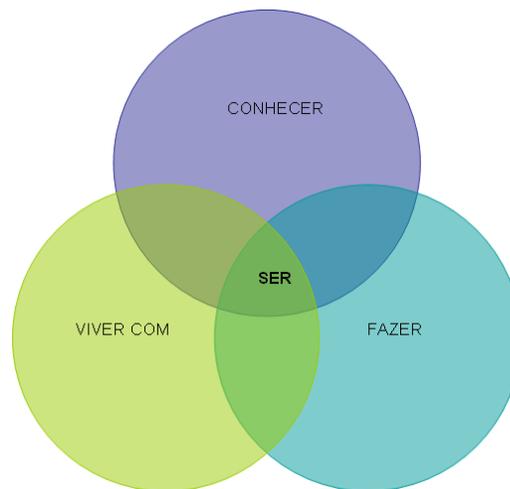


Figura 3 – 4 pilares de Jacques Delors (2003).

Essas aprendizagens articulam-se entre si, uma vez que o aprender a ser integra as outras três: aprender a conhecer, a fazer e a viver com; devido ao fato do ser humano utilizar-se destas três para garantir a perpetuação de seu ser.

Estas são as aprendizagens por ele destacadas como sendo necessárias aos alunos. Marchesi (2008) dentre outros autores como Freire (2007), estudaram as questões referentes as competências necessárias aos professores para que os

processos de ensino e de aprendizagem ocorram satisfatoriamente. Faremos referência as competências compreendidas por Marchesi (2008) durante as discussões que serão feitas.

Marchesi (2008), considera que são seis as competências necessárias a uma prática docente satisfatória. Destaca como a primeira, a competência de “favorecer o desejo de saber dos alunos e ampliar seus conhecimentos” (p. 60). O desejo de aprender, para que seja resgatado, necessita de um investimento por parte do educador cuidador que evidencie desejo em ensinar e em aprender.

O vínculo estabelecido com o professor é fundamental para que haja um bom desenvolvimento tanto por parte do aluno como por parte do professor, sendo que ambos constroem o processo.

A entrevista com a coordenadora foi fundamental durante a análise das entrevistas dos professores, pois a partir de suas percepções acerca dos professores e de seu olhar diferenciado, complementou com falas muito significativas que enriquecem a discussão e motivam muitas reflexões acerca de questões relacionadas ao vínculo, a afetividade, ao cuidado e ao prazer de ensinar e de aprender. De forma muito pontual e perspicaz, identificou aspectos dos professores e contribuiu como nessas outras falas a respeito do estabelecimento do vínculo:

São pessoas que de alguma forma captam essa disponibilidade de vínculo [...] o que a gente vê é que as coisas quando acontecem dessa forma, isso tudo flui razoavelmente bem, com menos dificuldades do que em outros casos onde essa química não funciona tão bem, onde a disponibilidade do professor não é tão grande (CP).

4.2.2 Constituição do ser e busca de sentido

O sentido aqui atribuído à palavra *ser* refere-se ao conceito de Mosquera (1978) o qual afirma ser “o aspecto nuclear e mais íntimo da criatura [...] é a pessoa que se sente responsável pela sua existência e pelo seu dever” (p. 51). Nesse sentido, a partir

da análise das falas dos entrevistados, percebe-se que podemos sim mencioná-los utilizando toda a complexidade que nos remete a palavra *ser*. São seres que buscam, ao longo de sua vida, vivenciar as experiências de forma atenta e reflexiva, significando e tendo consciência em suas escolhas.

Considera-se que a atribuição de significado às ações contribui para a saúde mental dos sujeitos. Ainda Mosquera (1978), com relação aos sujeitos que vem a adoecer pelo fato de não ter consciência acerca de seus atos, ressalta que “a doença decorre da falta de valor” (p. 53). Em termos de personalidade e do processo de identidade, é pertinente levar-se em consideração essas idéias, uma vez que constituem-se de processos dinâmicos que vão sendo reconstruídos ao longo da vida e perduram inclusive na vida adulta, nos quais buscamos compreender quem realmente somos.

Os docentes entrevistados demonstraram ao longo das entrevistas muita segurança em suas colocações, colocações estas impregnadas de amorosidade e paixão pela profissão. Mostraram-se sujeitos preocupados com o outro e consigo mesmo, o que ficou evidente em algumas falas como a deste professor:

O tipo de vínculo estabelecido por professores e alunos influencia tanto no processo de ensino quanto no de aprendizagem, e quando positivo, contribui para um melhor desempenho destes processos. A relação que se constitui é permeada por respeito, amizade e confiança, estabelecendo um ambiente profícuo de trocas e construções.

A postura e o olhar de forma amorosa do professor frente aos alunos, aparece em grande parte das entrevistas. Este professor (PQ) narra de forma viva sua sensação como aluno frente a um professor que lhe marcou: “Ele entrou em sala de aula, [...] o sorriso extremamente amoroso [...] a aula dele era esperada. A matéria era difícil? Muito”. O professor traz em sua fala sua experiência com um professor que utilizava de sua afetividade em sua interação com os alunos o que facilitava o empenho dos alunos apesar da dificuldade da matéria.

Na época, afirma que não era comum os professores possuírem algum tipo de aproximação com o aluno, então a forma de agir deste professor chamava a atenção de

todos: “é uma relação que inicia que deve ser amorosa, mas... ele nunca impôs regras, ele nunca disse as regras. As regras simplesmente apareceram, se construíram de uma relação”.

As falas dos entrevistados evidenciaram que o aspecto pessoa influencia na escolha de um referencial anteriormente ao aspecto profissional. O mesmo professor (PQ), quando falava a respeito deste professor referência do Ensino Médio afirmou que “tu acaba sendo levado por um caminho em função da pessoa que te apresentou aquele espaço, pela conduta que aquela pessoa estava te apresentando”. O mais marcante para ele foi a forma com que lidava com os demais alunos, e observando pensava: “nossa, essa deve ser uma sensação maravilhosa que esse cara tem, é isso que eu quero fazer!”.

No momento em que decidiu por qual caminho profissional gostaria de percorrer, não teve muita dúvida: “aí só me faltava decidir com que linguagem eu iria fazer aquilo que ele fazia. Poderia ser em história, geografia,... eu pensei, pra me tornar mais próximo a ele, tu vê que a amorosidade, a conquista foi tão intensa que eu escolhi a matéria dele mesmo eu não sendo um bom aluno” (PQ). O relato de não ser um bom aluno na disciplina na qual hoje ministra, destaca o quanto a dificuldade em determinada matéria não necessariamente leva o aluno a desinteressar-se pela disciplina; apesar de outros fatores determinarem isso (neste caso, o professor foi o motivo que levou o aluno a persistir apesar das dificuldades).

O fascínio em lidar com o público foi outro motivo que o levou a ser professor.

Tinha sempre um fascínio em lidar com o público, mas naquela época o aluno não tinha essa oportunidade, porque ele era chamado para a frente ou para fazer uma prova oral ou para ser ridicularizado [...] ir para a frente naquela época era um sinal de problema e não de uma coisa agradável ou de uma coisa prazerosa (PQ).

Para este outro professor (PG) relata o referencial que motivou sua escolha profissional: “professora do Ensino Médio [...] ela e um professor inspiravam [...] tinham uma didática bem legal, existiam debates na sala de aula [...] me motivou bastante”(PG). Poder reconhecer um professor como “gente” foi o que o motivou (PR):

Um professor que ficava na hora do recreio com os alunos. Isso me chamou muito a atenção, ficar na hora do recreio com os alunos. Isso aí começou a me fazer analisar ‘mas é um professor, é gente’.

A história de vida desses professores é contada de referenciais ensinantes que os levaram a identificarem-se com o “ser professor”, percebendo que sentiriam prazer em exercer aquele tipo de atividade. Ensinantes que desde a infância contribuíram para sua constituição:

Desde muito pequeno, bem cedo, eu tinha um fascínio pela história. Primeiro por estórias, aquela coisa de vó contando pro neto estórias e o neto começa a imaginar coisas e a criar esse universo simbólico (PH).

Para PH, o personagem professor adquiriu importância significativa em sua vida:

Aí é que está a importância e o peso desse personagem professor, porque eu tive excelentes professores de história, e me tornei amigo de meus professores de história [...] tive referenciais de grandes pessoas, de grandes amigos, e eu acho que essa amizade me levou a estar hoje nessa situação, essa relação de respeito.

A partir destes professores, PH foi estabelecendo também sua escolha. Tinha uma relação muito próxima com seus professores, especialmente os de história.

Exemplos que eu vinha contendo desse imaginário infantil e desses profissionais que desde a 5ª série eu vinha convivendo. Foi uma questão que foi se construindo aos poucos, foi amadurecendo na verdade, foi deixando de ter aquele ar desse imaginário das “estórias” para passar uma visão mais crítica da história propriamente dita.

Com relação as influências dos referenciais, algumas falas trouxeram elementos como este:

‘O que eu trago deles?’ é a formação do próprio caráter que vem fazendo, que passa por toda uma base familiar mas que a escola também tem um papel importante nisso, porque é o primeiro momento onde esse aluno é colocado numa condição de um ser social, tu tá fora do teu núcleo familiar, tu vai lidar com diferentes pessoas, com diferentes interesses e isso é a sociedade, como é que tu te coloca nessa sociedade (PG).

Diferentes motivações permeiam nossas escolhas ao longo da vida. Uma dessas escolhas, a escolha profissional, é definida através de influências e identificações realizadas a partir dos referenciais adultos que fazem parte do entorno do sujeito.

O personagem professor possui grande importância nesta etapa de escolhas. Os professores considerados excelentes professores inspiram através de seu aspecto pessoal, através da forma com que lidam com o seu saber e com o desejo de saber do outro. “associei aquele gosto pela história, visualizava nessas imagens adultas meu

gosto pela história e uma atividade profissional, tanto que quando chegou no momento de decisão eu não tive, digamos assim, muita dúvida” (PH)

Estar em contato com pessoas foi mais um elemento que serviu de motivação para PR, quando se questionava a respeito do que lhe daria satisfação:

Como é que eu posso ajudar mais as pessoas? Como é que eu posso liderar mais um grande grupo? Como é que eu posso me envolver mais com as pessoas? O que me fez decidir ser um professor é a chance de trabalhar, de liderar um grupo, de mostrar caminhos novos pra esse grupo, dar uma atenção para aquele grupo, de ser amigo do grupo e também de ensinar o conteúdo (PR).

4.2.3 “O prazer não tem preço”⁴ – sentimentos de bem-estar docente

Considero que a expressão de PQ “o prazer não tem preço” demonstra a forma com que encara a profissão docente e as crises que a atravessam. Quando questionados a respeito das crises da profissão, todos os professores afirmaram não se deixarem influenciar por elas. Ainda PQ coloca que:

Se eu tenho reconhecimento de como eu sou, eu tenho a maior resposta que é a do meu aluno. Isso foi sempre a minha maior resposta, normalmente quem avalia não tem condições de me avaliar, quem te avalia às vezes não tem a mínima noção. [...] O reconhecimento de fora nunca vai ser real do que eu espero, porque eles não convivem comigo dentro de uma sala de aula. Eu sou extremamente feliz dentro de uma sala de aula.

Já outro professor, PH, considera que as crises presentes na docência são referentes: “crise de identidade de representação, vamos dizer assim, do magistério e a outra, talvez mais concreta seja essa questão da crise, questão salarial”.

A questão da crise salarial é um desprestígio da profissão por parte de políticas públicas, porém acho que também tem uma parcela de culpa aí do próprio professorado do magistério, de não conseguir perceber alternativas que existem.

⁴ Expressão do professor PQ durante a entrevista

Alguns professores mencionaram como sendo um fator de crise o desprestígio social da profissão, mas não como sendo algo que prejudicasse sua atuação ou até mesmo fosse motivo de mal-estar. “A nossa geração ela conviveu com pessoas que tinham o orgulho de dizer: sou professor, ou os pais diziam: meu filho é professor” (PH)

O bem-estar docente é compreendido por Jesus (2007) como sendo um conjunto composto pelas competências (resiliência) e estratégias (*coping*). O termo estratégias de coping é descrito pelo autor como sendo as estratégias utilizadas pelos professores para enfrentar às exigências e dificuldades com as quais se depara na profissão. Jesus (2007) complementa acerca do bem-estar do professor afirmando que “o bem-estar dos professores também tem sido evidenciado como fator determinante do bem-estar do aluno na escola” (p. 27).

O estabelecimento de um clima de amorosidade, segurança com o conteúdo devido a competência, favorecem o bem-estar dos alunos, uma vez que dependendo da figura que tiverem como referência não só de conteúdos mas também de pessoa, irão ter diferentes formas de aproveitamento e satisfação.



Ilustração 4 – João e o pé-de-feijão. Fonte:
http://entrelinhasdaescrita.blogspot.com/2007_06_10_archive.html

4.3 O ADOLESCENTE EM BUSCA DE UM REFERENCIAL ADULTO

4.3.1 *João e o pé-de-feijão* – a descoberta do mundo adulto

A imagem de abertura deste tema ilustra a narrativa que será utilizada para iniciar a análise, através do conteúdo simbólico que nela encontra-se, acerca da adolescência. A narrativa diz respeito a história de “João e o pé-de-feijão”, pelo fato de tratar de um ensaio para a inserção no mundo adulto e o processo de independização da criança.

Será utilizada uma narrativa da história infantil “João e o pé de feijão” para iniciar as reflexões acerca da adolescência e dos conteúdos que emergiram ao longo da pesquisa. Esta nos conta a história de um menino que vive com a mãe e com a qual passa por uma situação na qual tem que vender a vaca, que lhes garantia o sustento, pelo fato de ter ficado seca. Na negociação, João troca a vaca por três feijões acreditando na promessa de que seriam mágicos e que iriam crescer até os céus.

Esta breve síntese da história, nos remete ao simbolismo da vaca que pode ser relacionado a díade inicial – mãe e bebê – devido ao fato de esta produzir leite e, no caso da história de João, representar uma forma de provento. Esta representação simbólica nos conduz de forma a identificar características semelhantes entre o processo vivido (e sofrido) por João, mostrando uma etapa de transição na qual deixa de depender diretamente dos pais e passa a fazer suas próprias escolhas, e a entrada na adolescência. Corso (2006), analisando esta narrativa, contribui afirmando que “para crescer, é preciso perder as vantagens de ser pequeno” (p. 119).

Pode-se situar agora João no ambiente escolar, o qual poderíamos dizer que é um espaço onde as leis que organizam o ensinar estabelecem-se de forma dependente (relação de dependência do aluno frente ao professor) pelo fato de a criança necessitar do cuidado e do acompanhamento do adulto. Ao longo do processo maturacional do sujeito, as figuras de referência são sempre importantes, apesar de na criança serem

fundamentais devido ao acompanhamento recebido na escola como sendo um prolongamento do que é estabelecido na família. Acerca desta volta, Corso (2006) complementa dizendo que “voltar para casa é vivenciar um fio de continuidade, sentir-se parte de uma história, confirmar a identidade de uma pessoa nas várias circunstância de sua vida” (p. 125)

A promessa que o vendedor fez a João, de que estaria comprando feijões mágicos, realmente se concretizou. Os feijões brotaram e no dia seguinte tinham atingido os céus. Em seu topo, ele encontra um castelo gigante no qual habitavam um ogro gigante e sua esposa. Acaba por roubar uma galinha que punha ovos de ouro, passando esta a ser a forma de sustento sua e de sua mãe, sendo que após ter saído do seio familiar (para aventurar-se subindo no pé-de-feijão) retornou trazendo algo que conseguiu através de uma escolha própria, autônoma e independentemente, simbolizando uma ruptura, uma quebra das leis estabelecidas pela figura do pai (que, neste caso, é utilizada a figura do ogro). “Voltar para casa vencedor é um projeto da criança que alguma vez disse – ‘eles vão ver!’” (CORSO, 2006, p. 125).

A ruptura é necessária para que o sujeito possa estabelecer sua identidade tendo como base os elementos trazidos da família. Ainda Corso (2006) “para saber quem somos, é fundamental descobrir de onde viemos e de que é feita a bagagem que carregamos para todos os lados, a qual chamamos de identidade” (p. 125). Os elementos identificatórios não são passivamente recebidos pelo sujeito, senão não seria permitido que o filho “escolhesse, mesmo que de forma inconsciente, quais aspectos da identidade de seus pais adotaria para si” (CORSO, 2006, p. 121).

Neste sentido, Friedman (2004) cita Erikson referindo sua relação entre autoconsciência e o constrangimento da adolescência ao conflito de identidade “[...] uma incerteza sobre as próprias habilidades, associações e metas futuras [...] uma pessoa que não tem certeza de quem ela é e que luta sem parar para se descobrir.” (p. 143).

4.3.2 A Adolescência como desejo do adulto moderno

O termo adolescência foi inserido no campo teórico, mais especificamente através dos teóricos da psicanálise, a partir de meados dos anos de 1900. Constitui-se de um campo de estudos relativamente contemporâneo. Gutierrez (2003), que faz em sua obra considerações acerca das origens dos termos puberdade e adolescência, afirma que “em Freud é inexistente uma teorização sobre a adolescência [...] o termo ‘adolescência’ era pouco consistente e incomum na linguagem da época” (p. 30); apesar disso, o teórico dedicou em sua obra⁵ um estudo aprofundado acerca do tema.

Para outro teórico da psicanálise, Winnicott (2005) quando refere em sua obra acerca do estudo do campo da adolescência, afirma que devemos reconhecer um fato em se tratando de adolescentes: “o menino ou a menina adolescente não querem ser entendidos” (p. 115). Complementa também dizendo que os adultos “devem manter entre si aquilo que vêm a compreender a respeito da adolescência” (idem). Refere isso devido ao fato de considerar a fase da adolescência como algo que deva ser efetivamente vivido e experienciado, não cabendo o uso de manuais acerca do tema para que seja lido pelos próprios adolescentes. É uma fase de descobertas. Este professor coloca que “eles tem todo um outro universo para descobrir e se adaptar a esse outro universo” (PH).

A utilização inadequada do termo “aborrescência”, ouvido comumente nos corredores escolares, evidenciam a falta de entendimento acerca desta fase. O termo mencionado por educadores nos remete não só a esta falta de conhecimento mas também a dificuldade que possuem ao lidar com os sujeitos o que, conseqüentemente, influencia no estabelecimento das relações de ensino e de aprendizagem. Corso (1999), falando a respeito da geração de adultos nascidos nas décadas de 40 e 50 e dos conflitos vivenciados por estes com seus pais, afirmando que é “importante pensar o quanto a má fama de rebeldia da adolescência não vem mais dessa época do que de hoje” (p. 119).

⁵ “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905); “Conferência XXI – o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” (1916 – 1917).

A adolescência como desejo do adulto moderno se observa, atualmente, através das condutas e costumes dos mesmos. Todos (adultos e adolescentes) parecem ser da mesma geração: “gostam das mesmas músicas, as roupas só se distinguem pelo tamanho, pais e filhos brigam pelo computador ou por carro. O cinema e a TV estão cada vez mais produzindo programas para todos” (CORSO, 1999, p. 121).

Nas gerações das décadas de 40 e 50, geração na qual nasceram inclusive alguns dos professores aqui entrevistados, possuíam grande influência dos pais devido a oposição de valores em diversos aspectos, dentre eles: diferenças políticas, nova postura em relação ao valor das tradições e escolha profissional. Sobre o último aspecto mencionado, este professor relata que:

Tive uma pressão de casa, dos pais, de seguir uma carreira militar [...] “tu vais seguir tua carreira militar e esporadicamente tu vais fazendo cadeiras do curso de história como *hobby*”-*diziam os pais*. E eu disse: “não, história pra mim não é *hobby*”. E aí eu me afastei um pouco deste turbilhão (PH).

Pode-se perceber a dificuldade encarada por este jovem professor, na época de sua escolha profissional, pelo fato de ter que sair de casa para poder seguir o que vinha definindo para si. A falta de apoio da família por se estar buscando algo que não o idealizado por ela, gera conflitos entre “o velho e o novo [...] uma oposição entre dois mundos” (CORSO, 1999, p. 120). Este conteúdo aparece igualmente na fala deste outro professor:

Quando eu passei num concurso de uma empresa pública estatal, parecia que eu iria apagar a minha carreira como professor. Nunca ela se apagou, nunca! Tanto que 4 anos depois eu me demiti para ser professor [...] Quando eu me demiti eu tinha uns 26 anos, a família quase surtou, o único que teve uma acolhida total foi o meu pai (PQ).

A fala do professor a seguir, evidencia sua consciência frente às necessidades de seus alunos adolescentes, estando disponível como um adulto que consegue estabelecer uma comunicação com seus alunos:

Essa latência, essa ansiedade, se tu conseguir capturar, tu pode reverter e pode fazer um trabalho extremamente interessante. Acho que tu pode preparar esse adolescente, para o que vai ser a vida adulta dele em questão de um dois anos (PH).

Mosquera (1977) contribui acerca dos adolescentes e das adversidades que encontram nesta etapa:

A insegurança do adolescente pode ser considerada intensa. Não pode olhar à frente com facilidade e nem planejar seu futuro sem perigos. Sua tarefa

principal é crescer, desenvolver confiança, alcançar uma clara visão de si como homem que surge, do mundo circundante e, talvez o mais significativo, preparar-se para as tarefas da vida adulta (p.30).

Stolzmann e Rickes (1999) contribui com uma reflexão iniciada a partir do significado da palavra “missão”, do latim *missione*.: “4. Ofício, mistério. 5. Obrigação, compromisso, dever: missão de pai”⁶ Pensando no que nos remete a algo que não é uma escolha, “mas sim alguma coisa com a qual o sujeito se vê implicado” (p. 44). Na continuação deste pensamento, Stolzmann e Rickes (1999) complementa ainda em relação a escolha de ser professor:

Como algo que remete o sujeito a um certo enigma, pois percebe nessa escolha por um exercício profissional alguma coisa que não domina, alguma coisa sobre a qual não pode dizer tudo, mas que o compele a encontrar-se nessa posição repetitiva de ensinar (Stolzmann e Rickes, 1999, p. 44).

O ambiente escolar desempenha neste período da vida uma imensa importância por se tratar da continuidade dos laços estabelecidos no ambiente familiar. Laços estes que são revisitados com o propósito de reconstruí-los tendo agora como base os referenciais adultos disponíveis neste ambiente.

As dificuldades com as quais alguns professores se deparam no dia-a-dia da sala de aula, muitas vezes requerem intervenções de um profissional que possa resgatar as funções e papéis neste ambiente proporcionando um repensar tanto por parte dos alunos com relação a suas ações quanto pelos professores e comunidade escolar em geral. Visando, assim, diminuir as conflitivas existentes neste período, que são acentuadas nas relações interpessoais estabelecidas na escola. Nesse sentido, Winnicott (2005) complementa a respeito da rebeldia e da dependência:

É característica da faixa etária em questão a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, e mesmo a coexistência dos dois extremos no mesmo momento (p. 117).

Winnicott (2005) faz a sua crítica, lembrando-nos de que, apesar de termos a adolescência sempre conosco, cada adolescente irá transformar-se, após alguns anos, em um adulto. Para ele, os pais possuem melhor entendimento desta fase do que sociólogos e os meios de comunicação, que reforçam ainda mais a idéia de

⁶ HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. In: Stolzmann (1999)

“aborrescentes”, tratando-os como sujeitos-problema sem que tenham consciência de estes mesmo sujeitos vivem um processo e que, em poucos anos, tornar-se-ão parte integrante da cultura adulta.

A adolescência, bem como a infância, necessita ser compreendida como uma etapa do desenvolvimento no qual os sujeitos possuem identidades e característica peculiares, pois não podemos encarar estas etapas como mera preparação para a maturidade. Cada etapa evolutiva possui diferentes conceitos acerca do *self*⁷, mas na adolescência este conceito adquire características especiais (ABERASTURY, 1981, p. 30).

4.3.3 A concepção de educadores acerca do “Ser professor de adolescentes”⁸

O que é ser professor de adolescentes? Esta é uma das perguntas da entrevista endereçada aos professores. Muitas são as “queixas” dos professores comumente afirmando que é uma fase difícil de lidar e que deles não se podem esperar muito porque “não querem nada com nada”. Estas e outras expressões fazem parte das conversas informais com professores de adolescentes, estes são os mesmos que os denominam de “aborrescentes”.

É intrigante ouvir determinados relatos, que fazem com que nos questionemos a respeito dos fatos. Em contrapartida, há outros professores que lidam bem com a faixa dos adolescentes, e escolheram a série na qual trabalham em virtude das características peculiares destes alunos. O que pode ser percebido nesta fala:

Acho interessante pegar eles nessa transição [...] Trabalhando a questão de ética, de relações sociais tu tá lidando com um futuro profissional ali na frente. Acho que é muito instigante trabalhar com o adolescente. E ele te permite reflexões e análises e projeções (PH).

⁷ Termo psicanalítico utilizado aqui, especificamente, por Aberastury (1981) que significa si mesmo.

⁸ Expressão utilizada por Gutierrez (2003) em seu livro que se constituiu do questionamento feito por ela em sua pesquisa junto a professores. Esta expressão foi utilizada como uma das questões realizadas aos professores do presente estudo e que serão então discutidas.

Esta é uma das questões que conduzem a pesquisa: no que se assemelham esses professores que estabelecem um vínculo positivo com o adolescente?

Algumas idéias podem ser pensadas a partir das falas nas entrevistas. Uma delas é em relação ao fato destes professores terem consciência de seu papel e função frente ao grupo de alunos. Função esta que não é resumida a “dar conta do conteúdo” da disciplina específica, vão mais além e consideram que sua contribuição vai mais além como no caso deste professor:

Essa idéia de formação da pessoa, não de um “aluno conteúdo”, é o que a gente acaba deixando pra eles (PH).

Já este outro professor menciona dois objetivos que fazem parte de sua atuação e que considera uma contribuição para os alunos:

Meu principal objetivo é oportunizar para a vida do aluno pessoal a sinceridade, e profissional a felicidade (PR).

O fato de estar em contato com estes jovens é motivo de bem-estar. Nestes relatos percebe-se este sentimento:

Pra mim é o grande elixir da juventude, é o grande canal. Pra mim é uma forma de reciclagem, é uma forma de rejuvenescimento espiritual [...] não quero nunca deixar de lidar com o adolescente (PQ).

Nos rejuvenesce o trabalho com esses adolescentes (PH).

Algumas falas a respeito, especificamente, dos sentimentos destes professores em relação ao que significa para eles ser professor de adolescentes:

É um desafio constante;
É a gente também se desafiar;
Estar sempre ligado.
É um desafio, um grande desafio mas como eu digo, eu acho que a relação é importantíssima pra ti conseguir superar esses desafios. Se relacionar, saber ouvir, saber falar, eu acho que ali tu vai encaminhando.
É um desafio diário (PM).

O professor hoje de um adolescente ele tem um desafio muito difícil, mas quando ele conquista esses desafios, quando ele passa por cima desses desafios tu vê, tu fica muito feliz.

Hoje, professor de adolescente, tu precisa ser professor, muitas vezes tu precisa ser um amigo, um pai, muitas vezes um médico (PR).

Ser professor de adolescentes é, para este grupo de professores, motivo de desafio e gratificação. Consideram a relação que estabelecem com o adolescente

importante e decisiva para os processos de ensino e de aprendizagem. Delors (2003) afirma que aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis, uma vez que o aprender a fazer está estreitamente ligado à questão da formação profissional. O fato de estarem no Ensino Médio os remete ao fato de estarem próximos a uma escolha profissional, o que para estes professores ocorreu de forma consciente e de acordo com suas habilidades e competências. Através de sua forma de agir enquanto profissional, os professores contribuem trazendo aprendizagens relacionados ao aprender a fazer tendo como base seus valores e sua afetividade.

Segundo esta professora PM, “eles sabem no momento em que a gente põe o pé na sala eles olharam se eu entrei sorrindo, se eu entrei triste [...] acho que a gente passa muita coisa, então eu acho que a gente tem uma contribuição enquanto modelo”.

Para estes dois professores, trabalhar com o adolescente remete:

Trabalhar com o adolescente, com a linguagem do adolescente, é relativamente tranqüila, sei que é uma fase extremamente complicada para o adolescente, aquela idéia da contestação (PH).

O que nós contribuimos para o conteúdo é muito diminuto para o sucesso do aluno. Quem faz o sucesso do aluno é o aluno (PQ).

O que explicita a concepção deles a respeito da sua contribuição frente ao aluno. Durante esta outra fala este professor menciona e chama a atenção para uma idéia:

Mostro pra eles que vale a pena a pessoa conhecer [...] O pai às vezes repreende e ama o filho, não é pelo fato de repreendê-lo que ele vai perder o amor, é pelo fato de amá-lo que ele está fazendo isso, senão ele não faria, ele deixaria (PQ).

A relação permeada pela amorosidade permite aos professores um contato diferenciado com o público adolescente. Estão em fase de transformações, dúvidas e escolhas. Precisam, por isso, poder contar com adultos que os conduzam nesta etapa na qual necessitam de referenciais que considerem positivos. Estes se constituem professores que são “sensibilizados com as questões da adolescência” (GUTIERRA, 2003, p. 132). Sustentam o lugar de mestre, de referência, diferenciando-se do aluno e mantendo os limites necessários. O conteúdo trabalhado por estes professores, de

acordo com cada especialidade, adquire um valor importante para eles mesmos, tornando envolvente e significativa sua explicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo traz como evidências aproximações possíveis realizadas a partir de falas de professores que evidenciam em sua prática docente características de um bom professor na visão do aluno da Educação Básica. Apesar de muitas queixas estarem presentes no dia-a-dia das salas de aula de alunos adolescentes, não foi o que se obteve nas entrevistas desses professores em especial. Pelo contrário, deixam clara a satisfação de lidar com estes sujeitos, pois afirmam também que assim como escolheram ser professores, fizeram a escolha de trabalhar com adolescentes.

A escolha da faixa etária é relevante, pois por ser uma escolha torna-os responsáveis pelos alunos. O sentimento de responsabilidade frente ao grupo de alunos permeou as falas dos participantes, evidenciando os laços estabelecidos entre professor e aluno.

Os três objetivos nos quais a pesquisa foi baseada foram alcançados sendo que além disso pôde-se ir além deles enriquecendo o processo de análise. O primeiro objetivo compreendia: “Investigar como os adolescentes percebem e identificam seus professores”. Este se caracterizou como um objetivo inicial que possibilitou perceber a forma como os alunos pensam e qualificam seus professores. Foi possível identificar que com muita propriedade os alunos, no caso, adolescentes, fazem considerações a respeito de seus professores não só em relação a atuação profissional mas como também a aspectos pessoais.

No segundo objetivo, pretendia-se: “Analisar, através do discurso, a compreensão dos professores acerca da atuação junto ao adolescente”. Neste sentido o estudo proporcionou uma análise do que pensam os professores acerca de sua atuação junto aos adolescentes. Pôde-se ainda considerar a satisfação que os entrevistados possuem por estar junto a estes adolescentes.

O terceiro e último objetivo era: “Compreender o que levou estes docentes a escolha profissional e quais foram os referenciais que os influenciaram nesta escolha”. Este objetivo, assim como os outros, permite-nos ir a fundo e realizar uma análise da fala de cada entrevistado fornecendo muitos indicadores. No caso da escolha profissional pelo *ser professor*, esta veio diretamente ligada a referenciais positivos de

situações de ensino e de aprendizagem com figuras tanto da família quanto dos professores que tiveram ao longo da vida escolar.

Os resultados alcançados e a emergência de categorias tão significativas suscitam discussões que não se esgotam.

Algumas idéias de uma possível continuidade no que diz respeito ao tema em questão foram surgindo ao longo da pesquisa e entre elas uma em relação as possibilidades de se trabalhar, através de grupos, não só com alunos mas principalmente com professores. A necessidade de um trabalho com professores e alunos no que diz respeito a possibilidade de reflexões acerca de suas atuações e de seus processos de ensino e aprendizagem é pontual. Através de intervenções grupais, que proporcionem um espaço de processos de sensibilização e criatividade, muito se tem a contribuir com os professores em geral afim de qualificá-los para atuar com os sujeitos independente da faixa etária. A pesquisa abre um espaço de escuta onde os participantes podem colocar seus sentimentos e pensamentos acerca do tema que esteja sendo tratado, o que contribui para uma reflexão por parte do ambiente em que se encontram como um todo, pois um ambiente de pesquisa é profícuo para novos olhares, buscas e indagações. Ao realizar-se uma pesquisa, deve-se ter presente o fato de que por mais neutro que seja o pesquisador, sempre ocorrerão influências no ambiente como um todo. Apesar de estar nesta escola entrevistando um grupo de apenas cinco professores, o fato de ter alguém transitando pelo ambiente escolar foi motivo de movimentações no grupo de professores que não estava fazendo parte da coleta dos dados.

Para a escola é fundamental que mais momentos como estes ocorram, pois a pesquisa deve estar mais próxima da escola para que proporcione desequilibrações e reflexões por parte da escola como um todo. A pesquisa torna a escola mais viva e faz com que outras pessoas tomem conhecimento, a partir de diferentes referenciais e pontos de vista, sobre a realidade atual.

A questão inicial baseou-se na investigação dos motivos que encaminharam à escolha de ser professor bem como dos referenciais que influenciaram nesse processo. Todos os professores tiveram como principal referencial professores de área (disciplinas específicas), sendo estes considerados fundamentais no momento da

escolha em virtude da forma com que se relacionavam com os alunos e trabalhavam o conteúdo. Além dos professores, surgiram como motivos a influência dos familiares no processo de escolha profissional, mesmo que em alguns casos tenham ocorrido conflitos. Considerando os aspectos que levaram os professores a escolha profissional, percebe-se que os professores que serviram referenciais significativos contribuíram de forma decisiva não apenas na escolha profissional, como também na área do conhecimento que buscaram e na forma de ser e agir com os alunos. Portanto a contribuição não foi apenas durante o momento da escolha, mas também na atuação docente.

Além da forma como estes sujeitos foram constituídos professores e, como consequência desta constituição, surgiram questões relevantes quanto a forma com que lidam com os alunos. Estão em interação com adolescentes, e esta interação é vivida de forma satisfatória pelos professores. Todos possuem consciência da fase na qual se encontram o que auxilia em sala de aula de uma forma geral. Ser professores de adolescentes é para eles motivo de rejuvenescimento, desestabilização (frente aos desafios que os alunos lhe impõem) e muita satisfação.

A união desses aspectos evidenciou docentes que apresentam bem-estar em sua profissão e acreditam que seja pelo fato de terem feito a escolha correta, seguindo aquilo que lhes dava prazer e satisfação. O bem-estar também, para estes professores, está relacionado ao estar em contato com o adolescente, reconhecendo e respeitando a fase na qual se encontram e tendo consciência das suas atribuições e função enquanto na posição de mestre. É importante salientar que um fator propicia a atuação e os sentimentos de satisfação dos professores em questão: uma escola que permite a impressão de um estilo próprio de transmissão.

Em relação às respostas dos alunos⁹ observa-se que na visão deles o bom professor é aquele que ensina bem, sabe controlar e interage bem com a turma, compreende o aluno, é criativo, responsável, competente, entre outras qualidades. São professores que auxiliam ao aluno uma vez que se colocam disponíveis e como referenciais adultos possíveis para que os alunos adolescentes possam identificar-se. São sujeitos que se diferenciam devido aos aspectos constituintes que possuem, uma

⁹ Ver quadro – Apêndice E

vez que através do exercício de sua função profissional demonstram que o aspecto pessoa é determinante para que seu trabalho se desenvolva da melhor forma possível.

O questionário, respondido pela turma de alunos, foi encarado por eles como uma forma de explicitar o que vinham pensando a respeito de seus professores. Satisfeitos em estarem contribuindo com o tema, criou-se um clima que ao mesmo tempo era de concentração e prazer. Através de suas respostas, pode-se observar a necessidade que possuem de avaliar, da forma que lhes cabe, a atuação dos professores; pois acreditam que desta forma muito pode ser mudado e repensado a respeito dos processos de ensino e de aprendizagem. Possuem critérios pertinentes a respeito das características de um bom professor, deixando claro qual é o professor com o qual possuem maior afeição: um professor que é ao mesmo tempo amigo e que ensina bem. Fazendo com que caia por terra concepções errôneas que poderiam ser feitas quando se analisa de forma superficial. Os adolescentes percebem e tem consciência de que necessitam sim de um professor que dê conta do conteúdo, seja competente, goste do que faz, tenha bom humor e que estabeleça com o grupo um vínculo positivo e de proximidade. Vínculo este que torne possível a educação de adolescentes.

Novas perspectivas e reflexões surgem a partir do estudo, uma vez que surgem novas indagações e possibilidades de trabalho envolvendo este tema. Muito ainda há a ser investigado a esse respeito, uma vez que em outras realidades educativas tais fenômenos podem ocorrer com semelhanças e diferenças e talvez novos elementos venham a emergir. Algumas questões partem desta reflexão:

Baseado nestas evidências, de que outras formas o professor pode vir a aproximar-se significativamente do aluno adolescente colocando-se em um lugar e numa função de alteridade?

Em relação a formação continuada dos professores licenciados, como pode-se pensar em estabelecer um lugar no qual se possa construir conhecimentos, acerca da adolescência, baseados em um processo de ação-reflexão-ação?

Tendo como ponto de partida os resultados obtidos a partir da análise dos dados, intervenções podem ser pensadas de forma a desenvolver um trabalho com grupos de professores e também com alunos, afim de trabalhar melhor estas questões

e oferecer aos sujeitos um espaço no qual possam dar novos significados a sua forma de ser. Estas intervenções são pensadas tendo em vista a interessante história de vida que estes educadores possuem e que podem de muitas outras formas ser trabalhadas com o propósito de melhor compreender o bem-estar na docência e as perspectivas práticas a serem desenvolvidas na área da Educação.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal – um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas, Fundação EDUCAR Dpaschoal, 2004.

_____. **Por uma educação romântica**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BANKS LEITE, Luci, GALVÃO, Izabel, LUIS, Carlos Rafael. et al. **A educação de um selvagem – as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2007.

CAPELATTO, Ivan R. **Educação com afetividade**. Campinas, Fundação EDUCAR Dpaschoal, 2006.

CORSO, Diana L. **Fadas no divã – psicanálise das histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORSO, Mario. Admirável mundo *teen*. In: **Congresso de Psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CREMA, Mirella. A Psicopedagogia Institucional na escola: algumas considerações teóricas e práticas. In: BUTELMAN, Ida (org.). **Pensando as Instituições – teorias e práticas em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREUD, Sigmund. [1933] Conferência XXXIV - Explicações, aplicações e orientações. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. 2ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 2007.

FRIEDMAN, Howard. **Teoria da Personalidade – da teoria clássica à pesquisa moderna**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Inteligências Múltiplas – A Teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GUTIERRA, Beatriz C. C. **Adolescência, Psicanálise e Educação – O mestre (im)possível de adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. In: STOLZMANN, M. M. & RICKES, S. M. **Do dom de transmitir à transmissão de um dom**. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – Psicanálise e Educação: uma transmissão possível**, ano IX, n. 16. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

JESUS, Saul Neves de. **Professor sem stress: Realização e bem-estar docente**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação – o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1992.

LACAN, Jacques. **O eu na teoria de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

LEVISKY, David L. (org.). **Adolescência e Violência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

LEVY, Ruggero. O adolescente. In: EIZIRIK, Cláudio Laks. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARCHESI, Álvaro. **O Bem-estar dos professores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. São Paulo: Papirus, 2004.

MORENO, Montserrat. **Falemos de Sentimentos: A afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 2003.

MOSQUERA, Juan J. Mouriño. **Adolescência Provação – a auto-estima no adolescente**. Porto Alegre: Sulina, 1977.

_____. **Vida Adulta – Personalidade e desenvolvimento**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

MOSQUERA, Juan José Mouriño, STOBÄUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, Délcia (org.) **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

POLAINO LORENTE, Aquilino. **Familia y Autoestima**. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 2004.

QUINTANA CABANAS, José Maria. **Teoria da Educação – concepção antinômica da educação**. Portugal: Edições ASA, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: ASA Editora, 1980.

SCOZ, Beatriz. **(Por) Uma Educação com Alma**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STOLZMANN, M. M. & RICKES, S. M. **Do dom de transmitir à transmissão de um dom**. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – Psicanálise e Educação: uma transmissão possível**, ano IX, n. 16. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

TIMM, Edgar Zanini. **O bem-estar na docência: dimensionando o cuidado de si**. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

WINNICOTT, Donald. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário respondido pelos alunos

QUESTIONÁRIO

Idade: _____

Ano de ingresso neste colégio: _____

Gênero: () masculino () feminino➤ **SOBRE SEUS PROFESSORES**

1) Para você, quais são as características de um bom professor?

1 _____	5 _____	8 _____
2 _____	6 _____	9 _____
3 _____	7 _____	10 _____
4 _____		

2) Marque a(s) disciplina(s) nas quais os professores apresentam estas características.

<i>DISCIPLINAS</i>			<i>OBSERVAÇÕES</i>
MATEMÁTICA	()		
FÍSICA	()		
BIOLOGIA	()		
QUÍMICA	()		
GEOGRAFIA	()		
HISTÓRIA	()		
LITERATURA	()		
PORTUGUÊS	()		
INGLÊS	()		
ESPAÑHOL	()		
EDUCAÇÃO FÍSICA	()		
FILOSOFIA	()		
ARTE	()		
RELIGIÃO	()		

3) Justifique a(s) escolha(s):

➤ SOBRE AS DISCIPLINAS

1) Que área do conhecimento você mais gosta?

- () MATEMÁTICA () FÍSICA () BIOLOGIA () QUÍMICA () RELIGIÃO () ED. FÍSICA
() ARTE () PORTUGUÊS () HISTÓRIA () INGLÊS () ESPANHOL () FILOSOFIA
() INFORMÁTICA () LITERATURA () GEOGRAFIA () OUTRAS – QUAIS?
-

2) Em que situações mais você aprende (em que lugares, com quem)?

➤ O que é necessário, na sua opinião, para que a forma de o professor ensinar e de o aluno aprender seja melhor?

Apêndice B – Termo de consentimento informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezados Professores

Sou aluna do curso de Mestrado em Educação do PPGE/PUCRS e estou realizando a presente pesquisa denominada “As relações entre afetividade e construção de conhecimento: Por uma educação dos sentimentos”, tendo como orientador o Profº Drº Juan Jose Mouriño Mosquera.

Esta pesquisa, que envolve professores e o Setor de Orientação Educacional do Colégio Bom Conselho, tem como objetivo compreender, a partir das escolhas e critérios estabelecidos pelos alunos, como os professores indicados percebem questões relacionadas a sua atuação profissional e sua relação com os alunos.

Cumprir informar ter sido o Senhor(a) indicado para fazer parte desta pesquisa, por meio de questionário respondido por seus alunos da turma 1ºA, como sendo um docente cuja prática pedagógica mais se aproxima das características de um bom professor a partir dos critérios avaliados pelos alunos, o que revela, possivelmente, sua dedicação e comprometimento com sua atuação profissional.

Sua participação é voluntária e envolve a realização de entrevista individual e, de acordo com a disponibilidade, observações em sala de aula.

Assumo o compromisso de manter sigilo sobre a sua identidade e de apresentar os resultados quando da conclusão da investigação.

Para maiores esclarecimentos acerca do estudo, contatar com a pesquisadora:
Telefone: (51)9665.9661 – danicfelix@hotmail.com

Contando com sua colaboração, subscrevo-me, atentamente,

Daniela Comassetto Felix
Bolsista CNPq

Consentimento:

Concordo em participar desta pesquisa, estando ciente de seus objetivos e de meu envolvimento, estando conforme que minha produção intelectual seja divulgada nos meios científicos, respeitando meu anonimato.

Nome do Participante

Assinatura do Participante

Porto Alegre, junho de 2008.

Apêndice C – Modelo da entrevista realizada com os professores

Dados de Identificação

Idade:

Tempo de sala de aula:

Disciplina:

Formação:

Atividade Profissional:

→ *Como te sentes fazendo parte desta pesquisa, sendo um dos professores escolhidos pelos alunos?*

- 1) *O que definiu tua escolha profissional? Em que momento existencial se deu? (modelo?)*
- 2) *Como podes definir as crises desta profissão?*
- 3) *Que contribuições acreditas que podes oportunizar para a vida (pessoal, profissional) dos alunos?*
- 4) *Como é ser professor de adolescentes?*
- 5) *Comente a afirmação: “Estudos e pesquisas vêm comprovando que na metodologia do professor está uma das causas do caos da educação”*

→ *Comentários finais*

Apêndice D – Modelo de entrevista realizada com a Coordenadora Pedagógica

Dados de Identificação**Idade:**
Formação:**Setor:**
Atividade Profissional:

1. Como percebes as questões de vínculo / relações entre professores e alunos (geral / Ensino Médio)? (interfere/auxilia)?

2. Como (de que forma) acreditas que se dê a construção de conhecimento?

3. Quais são as preocupações / exigências da escola quanto à seleção de professores?

4. Existe uma proposta diferenciada para o Ensino Médio? (em termos de proposta pedagógica, professores)

Apêndice E – Quadro com as respostas dos alunos nas questões subjetivas do questionário

A	G	Id	Sobre os professores escolhidos:	Situações nas quais aprende:	O que é necessário para melhor aprender e ensinar:
1	F	14	eles são legais, e são os únicos que conseguiram fazer eu entender bem o que aprendemos. E quando eu precisei me ajudaram	Na sala com a professora de matemática, em grupo com as minhas amigas	O fundamental é o prof passar uma boa imagem de si para os alunos, e mantê-la até o final, a mesma coisa para os alunos.
2	F	15	Os que mais aprendi	De preferência quando a aula é fora da sala de aula (pátio, informática, vídeo, bar,..)	Que o professor entre em contato com o aluno enquanto explica a matéria e que ele entenda que certos alunos tem mais dificuldades de aprendizagem do que outros.
3	F	14	São os que eu mais aprendi	No meu curso de inglês, no de italiano, em conversas com a família, na internet, com meus amigos e com os professores citados	Que o professor entre em contato com o aluno enquanto explica a matéria e que ele entenda que certos alunos tem mais dificuldades de aprendizagem do que outros.
4	F	14	Acho que todos os professores estão dentro de pelo menos uma característica, mas os que estão escolhidos em quase todas.	Aprendemos também em casa com os pais, sobre coisas que eles podem nos ensinar, não só sobre matéria, mas sim sobre os problemas da vida, os que temos que enfrentar no nosso dia-a-dia, ou que pelo passaremos por isso	Para um bom aprendizado o aluno deve ter interesse em quere aprender, prestar atenção nas aulas, mas isso não depende só do aluno, depende do modo que o professor explica, o professor tem q explicar de um jeito diferente, fazer aula em outras partes do colégio, coisas que modificam a aula. Uma aula diferente sobre a matéria , faz com que pelo menos naquele dia o aluno se dedique e aprenda a matéria.
5	F	14	Todos tem aula que não fogem do assunto da aula, procuram ter aulas engraçadas e fazem com que prestemos atenção	Aulas onde o aluno participa. Na sala de aula com prof divertidos, mas que levam a sério a matéria	É necessário que o prof olhe para o aluno e questione ele, além de elaborar exercícios.
6	F	15		Em casa com meus familiares e no cursinho de inglês	Quando o prof chega na sala, não deve chegar mandando, tem que estar de bom humor e deve explicar de várias formas com que todos alunos aprendam.
7	M	16		Livros, televisão mas o principal no colégio	O prof podia falar mais profundo no assunto e o aluno acompanhar mais no livro ou ouvindo a matéria.
8	F	14	Gosto desses professores pois eles ensinam de forma engraçada, assim nos interessamos mais.	Em casa com a família e no curso de inglês	Tem que haver comunicação entre alunos e prof, se o aluno gosta do prof e do jeito que ele ensina, é mais fácil de aprender.
9	M	14	Os professores escolhidos sempre conseguem levar a aula sem que ela fique cansativa	Lendo jornais, vendo tv e usando o computador	A aula tem que ser produtiva mas não pode ser cansativa. Os professores bons sempre acham um jeito de descontrair a aula e não deixar ela ficar cansativa

10	F	14	Respeitam o ritmo do aluno, explicam bem, são responsáveis e interessados	Sozinha em casa, estudo mais e em lugares abertos com bastante gente é bom para a criatividade	Com exemplos no quadro estabelecendo ligações com as palavras chaves
11	F	14	Todos interagem com os alunos, são divertidos, ensinam bem, muito legais	No colégio com os prof detalhando bem a matéria	Que o prof peça silêncio na turma, seja respeitado e respeite o ritmo de cada aluno
12	M	15	Todos eles conseguem fazer os alunos prestarem atenção	Qualquer experiência é um aprendizado	Eles tem que perguntar para os alunos o que eles acham de suas aulas e como eles podem melhorar
13	F	14	Explicam bem, brincam e são exigentes na hora certa	Em casa, com a família e os amigos	Saber explicar, não só dar matéria, pois assim nós cansamos e perdemos a vontade de estudar
14	F	14	Escolhi esses professores, pois acho que eles tem as características de um professor muito bom	Em casa, com os pais e família. Além do curso de inglês	Um bom professor, que ajude o aluno a matéria, e um bom aluno que coopere com as aulas
15	F	14	A maioria dos professores foi escolhido tanto pela pessoa e principalmente pela competência.	Tirando a escola o lugar que eu mais aprendo é em casa, principalmente com meu pai	O principal é respeito mútuo, cumplicidade e o carisma de um professor que nos faz gostar da matéria
16	F	14	São professores excepcionais que ensinam bem e dão exercícios para nós praticarmos	No curso de inglês, pois a turma é melhor e o professor sabe explicar	Quando os professores fazem uma retomada da aula anterior e partem desse ponto pra uma nova explicação
17	F	16	São pessoas super legais, são professores que explicam bem a matéria, são professores muito amigos dos alunos, a aula deles não é aquela aula cansativa	No colégio com os professores, nos noticiários, lendo livros e etc	Que um coopere com o outro. Que os professores façam coisas que interajam os alunos na aula e que os alunos ajudem os professores a dar uma aula legal, que não seja cansativa, e isso eles fazem quando não conversam na aula eles estão cooperando com o professor.
18	F	14	Todos os professores são engraçados, sabem controlar a turma, e sabem fazer a turma se focar na aula.	Vendo filmes, com pessoas mais velhas (familiares ou não), vendo TV, lendo livros e lendo jornais e revistas	Conseguir não fazer a turma se dispersar, ensinar de uma forma divertida e fácil para o aluno entender.
19	M	14	Eles são bem humorados, fazem brincadeiras na hora certa, conseguem passar o conteúdo	Nós aprendemos em vários lugares, em casa é um lugar, pois lá o seu pai e a mãe passam o conhecimento para os filhos, você aprende na rua quando você conversa com uma pessoa culta você recebe vários conhecimentos.	A cooperação entre os dois, ocorrer brincadeiras mas na hora certa, e o interesse dos alunos na matéria.
20	M	14	Gosto desses professores eu gosto de suas seriedade e também por serem muito divertidos e sabem "variar" a aula	Quando os professores divertem e nos levam a lugares como o pátio, a biblioteca	Ele saber a hora de brincar e a hora de estudar bastante
21	F	16	Legais	Lendo um livro, pesquisando na internet, vendo e lendo noticiários	Quando a aula é mais descontraída e não tão intensa

22	F	14	Matemática- aulas de exercícios no pátio ou no bar, fazendo com que a aula não fique sempre a mesma coisa; Química- faz aulas divertidas, mais engraçadas; Religião- faz aulas sempre diferentes com assuntos a serem discutidos	Em casa com a família e na própria rua com as pessoas	Fazendo com que os alunos se interessem mais, fazendo aulas criativas para os alunos se incentivarem a estudar mais.
23	F	14	Muitos deles fazem as matérias que eu odiava, uma coisa legal e que eu passei a gostar	Eu aprendo mais em casa pois consigo me concentrar mais, não tem nada nem ninguém pra me atrapalhar	Na minha opinião o melhor jeito de um professor ensinar é fazendo da matéria uma coisa legal, não tornando a matéria uma coisa chata
24	M	16	Esses professores se aproximam dos alunos, conseguem conquistar o seu respeito e, assim, quando precisam explicar algo, a turma fica em silêncio	Acho que para a preparação para o vestibular, quem nos ensina é só o colégio e alguns filmes e séries de tv. Acho que a vida fora do colégio só nos ensina a viver	Não fazer uma aula rotineira, às vezes ver em vídeo, ou ouvir uma música. Talvez fazer trabalhos no pátio ao invés de fazer na sala de aula
25	M	15	Todos bem humorados com os alunos dando oportunidade para os mesmos	Nenhuma. Só aprendo quando estou disposto a aprender	Ter as características da questão 1: saber ensinar bem, ser divertido e saber interagir com a turma
26	M	16	São professores bons, calmos e sabem explicar bem o conteúdo	Além da escola onde eu mais aprendo é com a minha professora particular e com a minha mãe	Não enchendo o aluno de tarefas e sendo atencioso e legal com ele
27	F	14	Matemática- é parceira, querida e ajuda nas horas em que precisamos	Em casa com meus pais e assistindo televisão	O prof tem que saber explicar bem, ter bom humor, ajudar com as dúvidas dos alunos
28	F	16	Matemática-está sempre pronta para ajudar, companheira, querida, exigente; Geografia-querido; História – brincalhão	Aprendo na aula e em casa, mas prefiro muito mais em casa, que daí não me distraio. Minha mãe e minha vó ficam muito em cima para fazer estudar	Fazendo resumos, dando exercícios, perguntando se tem alguma dúvida, ajudando e o aluno ajudando-se também
29	F	14	Matemática-explica muito bem a matéria, sabe conduzir a turma, dá exercícios, sempre querida e disposta a ajudar; rel-o melhor professor de religião, muito carinhoso, torna a aula uma diversão com suas diversas formas de dar aula	Ao ver um filme que passe uma idéia legal, com os pais, amigos, etc	O prof deve explicar com clareza a matéria, disposto sempre a repetir se alguém não entendeu e dar exercícios. O aluno deve prestar atenção na aula, fazer o que foi proposto
30	F	15	Além de saber envolver a turma com a matéria, são engraçados e compreensivos e sabem explicar	Vendo notícias, lendo jornais	Fazendo mais aulas diferentes, como jogos etc. Isso faria que o aluno tivesse mais interesse pela matéria e assim aprendesse mais.
31	M	14	Todos são divertidos e sabem ensinar. Não deixam dúvidas conosco.	Na minha casa com meus pais	Um tem que estar concentrado no outro, não basta serem bons, é preciso que saibam onde estão, em uma sala de aula, não pensando em outras coisas

32	M	15	São muito legais e eu gosto da matéria deles	Em casa	Como eu sou novo não tenho o que falar
33	F	15	Matemática- sabe interagir com os alunos e com certeza é muito simpática, mas eu tenho dificuldade de acompanhar a explicação da matéria	Na aula com os professores, mas as dúvidas eu tiro em casa com uma amiga ou com parentes	Eu penso que é necessário que o aluno tenha uma boa relação com o professor e que o professor saiba explicar a matéria
34	F	14	Matemática- explica a matéria muito bem; Geografia- querido, divertido; História- divertido, dá o conteúdo de um modo diferente	Tirando as aulas, em casa quando faço os temas e estudando para as provas	Descontrair um pouco na aula, em vez de dar todo o conteúdo ao mesmo tempo, fazer trabalhos em grupo, formas diferentes de dar aula
35	M	14	Sabem ensinar bem, são bem humorados e amigos dos alunos	No pátio da escola, em salas com vídeos	

APÊNDICE F – Exemplo de transcrição de uma das entrevistas realizadas

EXEMPLAR DE TRANSCRIÇÃO DE UMA DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Código do entrevistado: PH

(explicação sobre a pesquisa...)

→ Como te sentes fazendo parte desta pesquisa, sendo um dos professores escolhidos pelos alunos?

Interessante considerando que estou há 3 semanas trabalhando com eles...

Primeiro com relação à pesquisa eu acho que é bastante interessante porque eu sou um dos partidários sempre desse contato de escola universidade e a gente sabe que às vezes saindo da escola tu entra no mundo acadêmico e saindo do mundo acadêmico tu retorna à escola mas não na interlocução, tu volta como um profissional e tu acaba te descolando. Eu dou aula na (em uma universidade)¹⁰ e então lá eu tenho uma disciplina de tutoramento e prática de ensino de história e uma das coisas que eu falo para os alunos é isso, para ter um grande professor tu tem que manter um grande pesquisador dentro de ti. E também pra ti ter um grande pesquisador tem que manter o olhar de professor. Então eu não vejo dissociado esses dois elementos, então sempre que tenha alguma atividade que tenha alguma perspectiva que faça essa relação escola e universidade, escola e academia, eu acho sempre louvável e eu quero e pretendo que isso se torne cada vez mais próximo e também que eu tento me manter sempre nos dois níveis, Ensino Médio e universidade para poder fazer sempre essa interlocução entre pesquisa e a prática de sala de aula.

¹⁰ Algumas informações foram omitidas para preservar a identidade do entrevistado

Com relação a ser um dos professores escolhidos pra mim é uma gratificação bastante grande até porque como eu te falei esse ano que eu entro na escola, eu entrei com uma perspectiva num primeiro momento de trabalhar com as duas oitavas séries pelo que a Bela e a Marisa haviam me colocado, para começar a fazer essa transição de Ensino Fundamental para Ensino Médio. Eu cheguei até a escola como um palestrante, eu tenho um projeto de palestras e então eu vim aqui oferecer um conjunto de palestras para a escola desde séries iniciais até o 3º ano e para formação de professores. E eu acho que dentro desta perspectiva, desse olhar mais amplo que elas me convidaram para trabalhar e tentar fazer essa transição. Quando surgiu aí também o convite pra assumir uma das turmas de 1º ano. Então foi bastante por acaso que eu acabei chegando no 1º ano e em um mês, um mês e pouco aí pra mim é uma satisfação ser lembrado como um referencial para essa turma, bem interessante.

5) O que definiu tua escolha profissional? Em que momento existencial se deu? (modelo?)

Aquela coisa bem tradicional assim: desde muito pequeno, bem cedo assim eu tinha um fascínio pela história, por primeiro estórias, aquela coisa de vó contando pro neto estórias e o neto começa a imaginar coisas e criar esse universo simbólico. Eu me lembro de algumas passagens assim quando criança ainda de pegando uma bicicleta, uma maquininha fotográfica, aquelas descartáveis, e ir tirando fotos de pontos que eu achava interessante. Eu tenho até hoje guardado até hoje algumas fotos da ponte da Azenha, que eu começava a folhear alguns livros de história e lia esses referenciais de história gaúcha propriamente dita Revolução Farroupilha. Lembro que o primeiro livro que eu comprei, que eu pedi para meus pais comprarem foi um livro de Revolução Farroupilha depois um romance de Alcy Cheuiche da Guerra dos Farrapos e aí eu comecei o fascínio junto com isso, aí eu acho que tá a importância e o peso desse personagem professor, porque eu tive excelentes professores de história, e me tornei amigo de meus professores de história, fundamentalmente, eu convivia na casa desses professores. Por volta da 5ª 6ª série eu ia visitar minha professora de história e passava a tarde com ela, na década de 80 me lembro ela falando: “(PH) tem um partido novo

que está surgindo e a gente ficava discutindo, ela discutindo como professora e já uma senhora naquela época com um aluno de 5ª, 6ª série a formação político-partidária do Brasil. E eu passava tardes com ela, e até hoje eu tenho contato com ela, quando eu acabei minha graduação ela foi na minha formatura, quando eu acabei o mestrado eu disse: olha Nara, acabei o mestrado. E ela: Alemão, tu quer ser professor tu vai, mas tu tem potencial pra muito tu tem que ir adiante. A cada etapa que eu ia cumprindo eu sempre ligava pra ela: (..), acabei o mestrado, (..) to dando aula na (universidade). Agora, mais recentemente, to começando meu doutorado to dando aula na (outra universidade) e ela vai sempre respondendo e todo dia assim, isso é sagrado, nos últimos 10-15 anos eu passei um tempo sem encontrar com ela e todo dia do professor eu ligo pra ela; e ela disse que o dia que eu não ligar ela vai se preocupar porque aconteceu alguma coisa comigo. Então muito foi em função desses profissionais assim dela, depois outro professor de história que eu tive, outros dois professores de história que eu tive que se tornaram amigos a gente freqüenta a casa um do outro, a gente participa dos aniversários dos filhos, então eu tive uma ligação muito forte com esses profissionais então eu associei aquele gosto pela história, visualizava nessas imagens adultas meu gosto pela história e uma atividade profissional, tanto que quando chegou no momento de decisão eu não tive, digamos assim, muita dúvida. Eu fui me inscrever na (universidade), na época pedia 1ª e 2ª opção, a 1ª opção era história e a moça que estava fazendo minha inscrição disse: ah tu tem que botar uma 2ª opção. Daí tudo bem, vou botar um cursinho de menor inscrição: Medicina. E ela disse: ah, mas não... Não, é que eu quero história e se eu não passar em história não vou fazer mais nada.

Tive uma pressão de casa, dos pais, de seguir uma carreira militar, passei pra academia militar e quando eu deveria estar me apresentando na academia militar eu tava na casa de uma amiga na praia pra sai daquela pressão, porque tinha assim: ah não, tu entra na academia, tu vai seguir tua carreira militar e esporadicamente tu vais fazendo cadeiras do curso de história como *hobby*. E eu disse: “não, história pra mim não é *hobby*”. E aí eu me afastei um pouco deste turbilhão, voltei, no 3º semestre da faculdade e comecei a trabalhar com história propriamente dita, comecei a dar aula já no (colégio particular). Pra mim foi interessante porque foi um somatório de elementos daquele imaginário infantil, foram exemplos que eu fui tendo ao longo do ensino

Fundamental e Ensino Médio de pessoas que se tornaram amigas, então foi associando essa série de elementos que quando chegou no momento da escolha eu não tive muita dúvida. Acho que é por aí.

(que momento se deu...)

Acho que não tem um momento específico, ah foi nessa hora que eu decidi, porque como eu te disse, esses exemplos que eu vinha contendo desse imaginário infantil e desses profissionais que desde a 5ª série eu vinha convivendo com eles. Então foi uma questão que foi se construindo aos poucos, foi amadurecendo na verdade, foi deixando de ter aquele ar desse imaginário das “estórias” para passar uma visão mais crítica da história propriamente dita. Então eu não saberia dizer em que momento, foi o processo de maturação, não foi uma visita ou um lugar específico: ah, quero fazer engenharia” não existiu esse despertar. E eu acho isso interessante porque se daqui a pouco eu colocasse isso num momento específico, bom, o momento ele (papo de historiador) mas o momento ele tem as circunstâncias próprias, talvez um momento mais a frente essas circunstâncias mudassem e aquela escolha poderia ficar perdida, mas como foi um processo de amadurecimento acho que é mais sólido.

Modelos - O primeiro grande referencial, que é aquilo que a gente põe lá nos agradecimentos da dissertação, uma das pessoas que eu fiz referência foi, bom, a Nara porque era meu referencial de primeira professora de história. Mas ao longo, claro, de toda minha formação até mesmo no 3º grau tu vai encontrando estes profissionais. Esses dias eu até tava mandando um e-mail pra um deles dizendo assim: que na vida a gente encontra às vezes grandes amigos, em outros momentos nós encontramos grandes profissionais, em raros momentos nós podemos chamar um grande amigo de um grande profissional. Então ter o mesmo exemplo conjugado, quer dizer tem o conhecimento mas é uma pessoa intratável, mas não em alguns momentos eu consegui felizmente encontrar as duas coisas e por esta felicidade eu podia dizer: bom, é legal ser isso aí, vamos levar adiante esta idéia. Então tem profissionais que eu vou encontrando e não só na área de história também, eu acho que como colegas assim nós temos o convívio com as diferentes áreas e tu acaba identificando nesses colegas valores assim muito grandes.

(ainda sobre modelos, a influência deles na atuação)

Não conscientemente, mas depois de um tempo talvez refletindo algumas atitudes tu vê assim: “parece como era feito aqui, como era feito lá”. Mas eu acho assim que a construção do caráter mesmo, desta identidade, uma coisa que eu faço com os alunos e que remete um pouco essa minha vivência no primeiro dia de aula eu chego e pergunto pra eles assim: Quem não gosta de história? É claro que tem sempre alguns que levantam a mão (alguns vários que levantam a mão) e aí eu começo com eles: por que tu não gosta? Toda uma discussão pra preparar uma discussão de que tem-se diferentes formas de trabalhar história e eu vou trabalhar com uma específica e eu costumo dizer pra eles o seguinte, que ao final do ano (isso pra todas as turmas) ao final do ano não me interessa se eles vão saber, necessariamente, quais são 3 características dos atos de navegação de Oliver Cromwell, conteúdo da 8ª série. Mas me interessa ao final do ano se a gente se encontrar no supermercado, e eu ainda brinco assim ‘na parte de hortifruti’ que a gente se olhe e nenhum tenha a vontade de virar a cara pro outro. Isso que no final do ano me interessa. Se a gente conquistar isso, que é um processo ao longo do ano, vocês vão ver que o aprender história vai ficar muito mais fácil. Porque eu acho que um pouco disso vai ao encontro do teu trabalho, quando tu tem uma pessoa ali na frente que tu respeita, sem aquela coisa ‘lá vem o professor..’ não, ‘lá vem o cara que é super legal, ah vamos ver o que ele tem pra dizer’. Até mesmo esses dias em aula ‘vamos lá pessoal essa matéria é chata, é difícil, é complicada, vamos tentar tornar o mais agradável possível’. Então eu acho que neste sentido eu vou trabalhando essa idéia de bom, eu tive referenciais de grandes pessoas, de grandes amigos, e eu acho que essa amizade me levou a hoje eu estar nessa situação, essa relação de respeito então, essa relação de respeito talvez como tu tinhas colocado ‘o que que eu trago deles?’ É a formação do próprio caráter que vem fazendo, que passa por toda uma base familiar mas que a escola também tem um papel importante nisso porque é o primeiro momento onde esse aluno é colocado numa condição de um ser social, tu ta fora do teu núcleo familiar, tu vai lidar com diferentes pessoas, com diferentes interesses e isso é a sociedade, como é que tu te coloca nessa sociedade. E aí essas questões de respeito, de caráter elas começam a ser...

6) *Como podes definir as crises desta profissão?*

Acho que essa crise pode se dividir em duas fases: uma talvez seja a idéia de crise de identidade de representação, vamos dizer assim, do magistério e a outra, talvez mais concreta seja essa questão da crise, questão salarial. Acho que são duas coisas que são distintas, não são dissociadas mas são distintas. Acho que a questão salarial ela é uma questão que vamos dizer assim ela está dada é uma dificuldade para o magistério. A gente faz a ressalva: bom, mas tem o magistério público e o magistério privado, duas coisas distintas, de fato. Mas mesmo dentro dessa idéia de uma política salarial, eu acho que se teria condições de sobreviver e mais do que de sobreviver, teria condições de constituir uma boa base dentro do magistério. É claro que, naquela situação de 'eu tenho 20 horas no estado, ganho 400 reais a vida é uma droga', bom, se tu ficar com tuas 20 horas no estado, te conformar com isso de fato pode virar numa droga. Agora o magistério te abre uma possibilidade imensa de trabalho, é equivocada aquela idéia de que 'ah é professor então necessariamente tem que estar numa escola dando aula'. Acho que também tem um pouco disso. A questão da crise salarial é um desprestígio da profissão por parte de políticas públicas, porém acho que também tem uma parcela de culpa aí do próprio professorado do magistério, de não conseguir perceber alternativas que existem. A própria idéia de cursos de formação de professores faz parte de um aperfeiçoamento da pessoa que propõe um curso desse, mas é uma possibilidade. Eu giro no interior do estado dando cursos de aperfeiçoamento de professores aqui mesmo em Porto Alegre já fiz algumas parcerias, por exemplo, do Memorial do Rio Grande do Sul durante um tempo fui coordenador de cursos no Memorial. Então acho que tu tem que garimpar um pouco esses espaços. Meu primeiro contato com o colégio aqui é um pouco nesse aspecto, eu chego ao BC apresentando um conjunto de palestras que envolvem aperfeiçoamento de professores de Séries Iniciais e palestras do Ensino Fundamental ao Ensino Médio que é como eu cheguei no BC, apresentando um folder e junto do folder para legitimar aquela atitude o currículo dizendo não, tenho uma formação, tenho cursos. Então, eu garimpei literalmente alguns outros campos. Então acho que tem um pouco disso. Existe uma crise por falta de políticas públicas de incentivo a educação, sim, é real é concreto,

porém existe uma acomodação de parte desse magistério, do nosso professorado. Essa acomodação ela está vinculada a uma crise de identidade? Acredito que sim. Onde começa essa crise de identidade isso seria quase uma tese, começar a identificar onde o magistério começou. Eu costumo dizer aos alunos na Universidade, a nossa geração ela conviveu com pessoas que tinham o orgulho de dizer: sou professor, ou os pais diziam: meu filho é professor. Hoje parece que é murmurado: meu filho é professor. Então em algum momento, nesse intervalo de uma ou duas gerações, perdeu-se essa idéia de uma profissão respeitada no todo social, existe uma crise de identidade no magistério e saber especificamente identificar onde começou e quais motivos, acho que não é um trabalho simples. Inclusive acho que dá pano pra manga para se buscar uma idéia de um projeto de pesquisa nesse sentido, onde a gente pode e quais elementos a gente pode identificar o problema? Acho que vai ou menos por aí. Existe uma crise de identidade e existe uma crise financeira que são duas coisas diferentes mas que estão certamente associadas.

7) Que contribuições acreditas que podes oportunizar para a vida (pessoal, profissional) dos alunos?

Acho que eu já falei talvez na 1ª, se eu me repetir depois deleta. Uma das primeiras coisas que eu falo para os alunos quando entro em aula é a questão de que o que a gente deve estabelecer ali é uma relação de respeito. Se depois disso vier como, vamos dizer assim, fruto positivo eles compreenderem quem são da Revolução Francesa ótimo. A primeira coisa que eu quero estabelecer com eles é isso: uma relação respeitosa, e eu entendendo eles na condição em que eles se encontram e a recíproca tem que ser verdadeira. O conteúdo de história ele vai vir ao natural nesse sentido. Eu acho que uma das primeiras contribuições na medida em que tu começa a colocar isso pro teu aluno é um referencial, um posicionamento, uma postura ética que em qualquer ambiente ele tem que ter, independentemente do que ta por trás que ele vai encontrar numa relação; seja com a empregada em casa, seja depois como diretor de uma empresa, se ele conseguir estabelecer essa relação ética, respeitosa com seus pares, dali pode sair muita coisa boa. Se o aluno não gosta de história mas ele tem

respeito pela minha condição de: ‘bom, é um professor de história, que está exercendo sua atividade, respeito ele enquanto tal’, ele passa a aceitar melhor essa história, a matéria em si. Porque via de regra o que a gente percebe, em alguns casos, é aquela postura de enfrentamento. O aluno às vezes chega: ‘viu como eu fui mal na tua disciplina?’ ele ta num enfrentamento direto com o professor. E aí tu usa a disciplina ou uma avaliação pra mostrar: ‘olha, eu não gosto de ti, estou indo mal, logo tu é incompetente’. É uma forma de enfrentamento. Eu acho que quando tu apaga essa forma de enfrentamento, a dificuldade do aluno claro, pode ainda existir, mas tu tem como acessar esse aluno muito mais fácil. E isso se dá com uma postura ética independentemente do ambiente. Essa idéia de contribuição é mostrar uma conduta, porque o referencial por exemplo que eu tenho e que me levou ao magistério foram de pessoas que direta ou indiretamente me apresentavam uma conduta mais ou menos nesse sentido, uma conduta ética. E tu visualiza aquilo ali “eu gostaria de ser aquilo ali, deve ser legal trabalhar com esse conteúdo, é uma pessoa legal” então tu acaba sendo levado por um caminho em função da pessoa que te apresentou aquele espaço, pela conduta que aquela pessoa estava te apresentando. Então esse aluno muitas vezes, não que eu vou formar historiadores, até acontece. Alguns alunos tanto de escola como depois de cursinhos, grupos de estudos que eu dei aula, acabaram fazendo a opção por fazer história “achava legal tuas aulas, gostei das discussões que a gente fazia resolvi fazer história”. Ao mesmo tempo que o aluno, que vai para as outras áreas, mas ele captura de ti essa questão de uma postura profissional, ele vai ser médico, arquiteto, advogado, seja lá o que for, mas a postura ética, moral, ele vai dizer assim: “isso ai eu via nas tuas aulas, e é assim que eu quero ser enquanto profissional”. Eu acho que é mais ou menos por aí. Trabalhar aquela idéia de que “a história é importante pra tua vida” didaticamente é correto, politicamente, ele vai se utilizar? Talvez sim. Gostaria eu que todos alunos conseguissem, ao final, também pegar todo esse arcabouço teórico, todo esse conteúdo que eles vêem, e instrumentalizar isso para a vida. Que de fato eles teriam condições para tal, ou seja, a história se permite fazer essas relações. Quantos vão fazer isso? Não sei, talvez poucos vão dizer assim: “me lembrei nesse episódio das tuas aulas de história”, talvez eles façam isso indiretamente, talvez esse olhar ético, essa questão de conduta social, quando eles

lerem uma manchete sobre corrupção, violência, eles não vão achar aquilo normal. O fato de aquela manchete incomodá-los, é pelo fato de que eles imaginam a possibilidade de uma conduta mais adequada, que não aquela que a sociedade está apresentando pra ele. Então a história acaba diluindo, o conteúdo histórico acaba sendo diluído, por isso eu acho que essa idéia de formação da pessoa, não de um “aluno conteúdo”, é o que a gente acaba deixando pra eles.

8) Como é ser professor de adolescentes?

Professor de adolescente... eu acho que todos os níveis do magistério encontram as suas dificuldades. Eu me lembro de comentar com uma colega de graduação e depois colega de uma escola, eu dizia assim pra ela: “eu gostaria de ser professora assim que nem tu”. Porque ela tinha aquela coisa assim completamente didática de chegar, colocar a data, de botar o enunciado. Quando eu falava pra ela “eu queria ser professorinha”, não no sentido pejorativo, mas aquela coisa que tu vê aquele cuidado, porque eu não tenho muito esse perfil. Já dei aula mas não conseguiria me ver tão tranqüilamente dando aula pra uma 5ª série. Como eu dizia para essa minha amiga: “esse jeito professora de ser: peguem a caneta, façam isso, façam aquilo...” muito se deve também pela minha formação, as pessoas, os referenciais que eu fui tendo nunca me apresentaram esse lado, alguns alunos, principalmente de grupos de estudo, me diziam assim: “e a didática dessa tua aula?”, porque eu começo a fazer ganchos, links com eles, e vou abrindo um leque para que eles consigam visualizar e fazer essas reflexões. Isso eu acho que para 4ª, 5ª série não cola, eles não teriam ainda maturidade. Acho que tem que desenvolver essas habilidades, acho fundamental, acho que o grande erro, que vai depois estourar lá no Ensino Médio, é que não que tu não tenho dado o conteúdo na 5ª série, ou na 4ª, mas tu não desenvolveu habilidades neles pra lidar com esses conteúdos. O que também dá pano pra manga de uma pesquisa dessa questão do desenvolvimento de habilidades específicas para depois lidar com os conteúdos que vão levar esse sujeito até o Ensino Médio. Nesse sentido, trabalhar com o adolescente, com a linguagem do adolescente, é relativamente tranqüila, sei que é uma fase extremamente complicada para o adolescente, aquela idéia da contestação,

“hay governo lo soy contra”. Mas eu acho que essa latência, essa ansiedade, se tu conseguir capturar, tu pode reverter e pode fazer um trabalho extremamente interessante. E tu ta preparando, e eu acho que tu pode preparar esse adolescente, para o que vai ser a vida adulta dele em questão de um dois anos. Acho interessante pegar eles nessa transição assim, costumo brincar em aula, no 1º ano até eu falei isso, que eles estão olhando pro Ensino Fundamental “ah esses piá” eles estão no Ensino Médio agora, são grandes mas eles estão muitos próximos ainda há dois, três meses eles eram a 8ª série, então eles tem todo um outro universo para descobrir e se adaptar a esse outro universo, e ter um cuidado porque eles estão nessa ansiedade “ah, estamos no Ensino Médio, vamos lá”. Conter um pouco no sentido de controlar no sentido de dizer assim: “olha, cuidado, tu tens essas opções, esses caminhos, qual tu vais querer seguir?”. Pegar esse aluno, adolescente nessa fase e conseguir mostrar pra ele “n” alternativas, qual a gente vai seguir? Acho que é extremamente interessante. Porque daí trabalhando essa questão de ética, de relações sociais tu ta lidando com um futuro profissional ali na frente. Acho que é muito instigante trabalhar com o adolescente. E ele te permite reflexões e análises e projeções, tu encontra projeções na 5ª série mas de outra maneira, então acho que é bem interessante e nos rejuvenesce também o trabalho com esses adolescentes.

6) *Comente a afirmação: “Estudos e pesquisas vêm comprovando que na metodologia do professor está uma das causas do caos da educação”*

Se me possível for, eu diria que a metodologia do professor gere esse caos na educação? Eu iria um pouco mais a fundo, ou antes de colocar esse professor em sala de aula, a questão da formação do professor. E comento com alguns alunos isso, é uma atitude perigosa quando a academia, muitas vezes, critica o Ensino Médio, o Ensino Fundamental, mas vamos lá, quem formou esses professores foi essa academia. Então o problema está na verdade onde? Porque tem um descolamento da produção de conhecimento da academia e desse mesmo conhecimento no ensino Médio. Se a gente pegar determinado conteúdo, qualquer disciplina, tu pega a disciplina

como ela é trabalhado no EM e na academia é completamente distinto, parece que tu tá falando de conteúdos completamente diferentes. É óbvio que eu não posso pegar a linguagem de universidade e trazer pro EM, mas eu posso aproximar esse EM do que que é uma pesquisa acadêmica. Quando é que eu consigo fazer esse link? Quando a universidade também se permite retomar esse seu ex-aluno, agora professor, quando ela não joga simplesmente professores no mercado para depois dizer: “Os professores... muito fraco o ensino público”. Mas quem promoveu a formação desses professores? Então acho que aqui entra um pouquinho antes a questão de como é que vem sendo feita a formação desses profissionais, desses professores. Será que os cursos de licenciatura vêm preparando efetivamente os professores para encarar a sala de aula? Pela nova legislação tu deve ampliar as horas práticas nos cursos de licenciatura. O que em alguns casos a gente percebe é que tu tem o mesmo programa, o mesmo cronograma, vamos dizer assim antigo de uma disciplina, e na ementa a última frase foi colocada assim: “e trabalharemos questões práticas em sala de aula”. De fato tu não altera a ementa, tu não altera a tua aula, mas por uma questão legal tu tem que formalizar no programa e tá ali. Eu fui de uma geração onde tu tinhas uma formação completamente tradicional, discussões teóricas de textos, e ao final do curso te é exigido 100% de criatividade na hora da prática de ensino. Só que esse professor deveria estar sendo formado desde o primeiro semestre. Então tu tem toda uma graduação numa aula extremamente tradicional, e isso também é a formação do licenciado em história, e lá no último semestre, claro que tu tem as disciplina de Psicologia da Educação A e B, Didática mas muito pouco ali se faz, nesse currículo, vamos dizer assim antigo, tu caia, literalmente, dentro de uma sala de aula, e o professor dizendo: “olha, tu tem que ser criativo com teus alunos”. Tudo bem, mas quando e onde durante todo o processo me foi apresentado um exemplo de criatividade para mim ter como referencial e depois ir para a sala de aula com esse referencial. Então de fato essa questão metodológica do professor também gera essas dificuldades? Sim, o processo de formação dele talvez venha sendo equivocado, e esse professor depois que sai da universidade, como a gente falou na questão anterior, em alguns casos ele não busca uma especialização, então ele fica com um referencial, que sendo bom ou mal ele fica com aquele referencial, e ele fica reproduzindo uma aula

durante 10 anos, e isso obviamente causa efeitos colaterais lá na frente. E também o caos da educação não deve recair só sobre o professor, acho que os dois extremos: nós temos algumas dificuldades no processo de formação desse professor, temos uma dificuldade de adaptação desse professor ao ambiente de sala de aula ao longo dos anos, e nós temos talvez um terceiro foco de dificuldades que é o próprio aluno ou a própria educação, aquilo que se possa imaginar como uma referência mais ampla de educação, de ensino, a deteriorização do ensino, seja público ou privado. Eu acredito que adolescente é questionador, sim em todas as gerações a adolescência é adolescência. O que causa estranhamento hoje, causava estranhamento dentro de um contexto na década de 70 e assim por diante. Então eu acho que esse nível também tem que ser avaliado: de que forma está sendo estabelecida a relação com esse aluno que faz parte deste universo escolar? Tem mudado um pouco a relação de direção com o aluno, o que é permitido a esse aluno ou não permitido fazer? Então isso também contribui um pouco para essa, vamos dizer assim, esse caos da educação. Eu sou muito incomodado com aquela idéia de que se o aluno não ta prestando a atenção na aula a culpa necessariamente é do professor. Não, a culpa não é necessariamente do professor. Em alguns casos o professor pode lançar mão de “n” metodologias, “n” técnicas diferentes e o aluno não está afim. Bom, daí pega a parte da Psicologia que diz, se não me engano até seria a 5ª série mais ou menos, no desenvolvimento dessa criança tem uma latência pelo ensino, pela aquisição de conhecimento e depois isso vai perdendo espaço em função de outras necessidades que esse indivíduo apresenta. Bom, isso tem que se levar em consideração. Eu me lembro de uma pesquisa que fiz um tempo atrás sobre o método Montessoriano onde ele tem uma previsão de séries iniciais, de trabalhar com a idéia de direcionamento de estudos, de fichas de comandos, e eu sei de escolas que tentam incorporar esse método Montessoriano até o EM. Complicado, porque o aluno já perdeu essa idéia, necessariamente, de busca, de ânsia pelo conhecimento, e aí tu utiliza uma metodologia só que o teu público é completamente diferente. Também rompe essa idéia. A questão... o processo de formação desse profissional, a própria questão da busca de aperfeiçoamento desse professor, mas também avaliar o que é esse ambiente de sala de aula que também se

altera e que também contribui para composição disso que ta dado aí como “caos” da educação.

(comentários finais)

Acho que eu falei lá no início, que eu acho interessante essa tua vinda a escola por ser um contato universidade-escola que eu acabei de definir ali como algo que eu acho fundamental até pelos efeitos que isso gera, num corpo docente que mal ou bem causa um impacto do tipo “o que aquela menina ta fazendo aqui? Ela ta fazendo uma pesquisa, uma pesquisa acadêmica”. E eu acho fundamental manter esse corpo docente vinculado a essa idéia de buscar o aperfeiçoamento, de mostrar: “olha, pesquisas podem ser feitas e devem ser feitas, o aprimoramento é possível”. Então circular com esse ambiente universitário dentro de uma sala de professores é bom também para lembrar para os professores: “pesquisas, tá aí, vamos fazer, vamos ir atrás”. Acho que é uma contribuição não necessariamente direta, talvez tu não venha com esse foco, mas indiretamente é aquela idéia do observador sobre a comunidade indígena, ele imagina que só vai estar observando a comunidade indígena, mas as relações lá se modificam em relação a esse olhar. Agradeço também a tua participação.